



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**  
**CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**MAIARA ELAIDIA DO NASCIMENTO**

**OS ESTEREÓTIPOS DA MULHER NAS CLASSIFICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS**  
**CDD E CDU**

**NATAL**

**2022**

**MAIARA ELAIDIA DO NASCIMENTO**

**OS ESTEREÓTIPOS DA MULHER NAS CLASSIFICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS  
CDD E CDU**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Wagner Oliveira de Medeiros

**NATAL**

**2022**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro Ciências Sociais Aplicadas - CCSA

Nascimento, Maiara Elaidia do.

Os estereótipos da mulher nas Classificações Bibliográficas CDD e CDU / Maiara Elaidia do Nascimento. - 2022.

65f.: il.

Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Ciências da Informação. Natal, RN, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Wagner Oliveira de Medeiros.

1. Sistemas de Classificação Bibliográfica - Monografia. 2. Classificação Decimal de Dewey - Monografia. 3. Classificação Decimal Universal - Monografia. 4. Estereótipos da mulher - Monografia. I. Medeiros, Wagner Oliveira de. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/UF/Biblioteca CCSA

CDU 025.4

MAIARA ELAIDIA DO NASCIMENTO

**OS ESTEREÓTIPOS DA MULHER NAS CLASSIFICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS  
CDD E CDU**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: 18/07/2022

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Wagner Oliveira de Medeiros (UFRN)

Orientador

---

Profa. Dra. Nancy Sánchez Tarragó (UFRN)

Membro interno

---

Prof. Me. Francisco de Assis Noberto Galdino de Araújo (UFRN)

Membro interno

À minha mãe, pelo apoio, por sempre acreditar em mim e insistir que eu acredite também, por sua incrível confiança que tudo fica bem e seu amor tão grande quanto o sol. Te amo, mommy.

## AGRADECIMENTOS

Palavras não parecem ser o suficiente para agradecer, mas vou tentar assim mesmo. A Deus por tudo e por iluminar mais esse ciclo, essa jornada pela eternidade. Aos meus queridos amigos dos encontros de sábados/domingos que aqui expresso minha gratidão pelos nomes de Agostiniano, Alexsandro, Bartolomeu, Rosane, Rita e Zenaide, mas dedico a minha gratidão a todos pelas conversas, conselhos e inspirações (risadas e até às lágrimas), sou tão feliz por ter vocês na minha vida.

Toda a minha alegria em poder agradecer ao meus bibliofriends (biblio lid friends) que o curso de Biblioteconomia uniu (ou fortaleceu ainda mais no caso de Milis). Sei que esse caminho foi tão maravilhoso, pois vocês entraram na minha vida e viveram isso comigo, agradeço cada momento, amor e apoio. Sei o quanto fui privilegiada de vivenciar momentos incríveis e até sobrevivido a cada semestre, graças a vocês, Amanda, Cyndy, George, Isadora, Lidiane, Milena, Maria Agatha, Maria Emilia e Monara. Meu coração fica tão quentinho por ter o amor e carinho de amigos tão extraordinários.

Os meus amigos de arena, os meus tributos e divergentes, que me acompanham a tanto tempo, cheio de alegrias e amor, sinto como se a minha vida pudesse ser também dividida em antes e depois da amizade de vocês. Agradeço a cada momento de companheirismo, carinho, amor de Amanda Romana, Aluísio, Diana, Fernanda, Mikaela e Sabrina. Um especial agradecimento a Dih e Mika pelo apoio para este trabalho, sinto tão grata por ter o amor de vocês também aqui. Obrigada a todos, por estarem comigo esse tempo todo... muito além da arena (\_III\_). Agradeço a Diana por anos de amizade, por sempre estar ali para me ajudar a sair de minha concha, conheci o curso de Biblioteconomia, pessoas queridas que se tornaram grandes amigos e amigas, tive reflexões e conversas sobre representação da mulher em momentos com você, e tudo isso levaria a esse trabalho. Tudo tão conectado.

Agradeço a minha família, pelo amor e momentos incríveis que me fazem ter a noção o quanto sou grata por ter vocês, o quanto sou feliz, minha gratidão a Vó Ana, Beneide, Carlos, Helena, José Augusto, Tia Neide, Rubens, Renan, Thais, Thayanne, Thayla e agora Thales. Em especial, Tata e Nina, por crescerem comigo nesse mundinho estranho, mas que se tornou muito mais alegre, divertido e encantador pois vocês estão nele comigo, sendo mais que primas, (*cousins*) minhas amigas, obrigada por tanto amor e por encher minha vida com tanta alegria e companheirismo, sonho com o momento que viverei toda minha vidinha com a leveza como quando sinto quando estou com vocês.

A todos que incentivaram com palavras amigas, ajuda e auxílio, gratidão a Maria Emmanuella pelo auxílio, contribuindo para que eu ultrapasse todos os muros que criei, a João Maria pela torcida e a todos que de alguma forma foram incríveis comigo.

As autoras Blanca Rodríguez-Bravo, María Antonia Morán Suárez, Maria da Graça Simões e Olívia Pestana, pelos trabalhos, pesquisas e as contribuições para a Biblioteconomia e a Ciência da Informação. E por também ser uma das inspirações para a realização dessa monografia. Obrigada.

Agradeço a toda jornada pela UFRN, por todos que passaram pela minha vida de maneira direta ou indireta. Agradeço em especial, aos alunos e colegas da Biblioteconomia. Ao Departamento de Ciência da Informação e aos professores e professoras que se tornaram uma fonte de inspiração, por sua dedicação, carinho e amor à profissão. Muito obrigada.

Ao querido professor Wagner, pela dedicação, tempo, ensinamentos. E também pelo entusiasmo e carinho nesse percurso da orientação. Foi um privilégio. Muito obrigada por tudo.

Por último, e muito especialmente, a minha mãe, minha mamis/mommy, por sua incrível força e dedicação, por seu amor e por insistir que devo acreditar que posso sim fazer o que eu tiver que fazer, com confiança e coragem. Por ser minha mãe em dobro, desde que pai foi para o céu, por me apoiar e sua fé que eu consigo. Sinto que somos diferentes, você o sol e eu a lua, mas o que seria do céu, sem a presença de um deles? Obrigada por ser o meu sol e lembrar de que sim... sonhos são possíveis. Obrigada, mais de mil vezes obrigada, por seu amor. Te amo.

A todos vocês, novamente... muito, muito obrigada!

*“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.”*

Madre Teresa de Calcutá

## RESUMO

Apresenta como discussão as classificações do conhecimento, que fazem parte das atividades e estudos de bibliotecários e estudantes de Biblioteconomia ao redor do mundo, que procuram, da melhor maneira, organizar as informações para que cheguem de forma satisfatória aos usuários atendidos pelas Unidades de Informação. Como instrumento para este serviço, os Sistemas de Classificação Bibliográfica são fundamentais para as atividades de organização e gerenciamento de acervos. Partindo disso, esta pesquisa tem o objetivo geral de analisar tais Sistemas de Classificação, em particular a Classificação Decimal de Dewey e a Classificação Decimal Universal, observando a presença de estereótipos sobre a mulher. Com os objetivos específicos: apresentar os Sistemas de Classificação do Conhecimento CDD e CDU; analisar sobre a representação da mulher nos Sistemas de Classificação do conhecimento delimitados; investigar a presença de estereótipos relativos à mulher nos Sistemas de Classificação delimitados e contextualizar a relação entre os estereótipos identificados e os aspectos históricos de representação da mulher na sociedade. Busca responder o problema de pesquisa: Os estereótipos femininos estão sendo reproduzidos nos Sistemas de Classificação CDD e CDU? Isto se justifica, visto a dificuldade em se perceber representações negativas, que carregam preconceitos e crenças de pessoas ou grupos e que estão, também, materializados nestas classificações. A metodologia adotada trata-se de uma pesquisa exploratória, qualitativa e de natureza bibliográfica. Os resultados indicam a presença de estereótipos associados à mulher na sociedade, evidenciando aspectos de maternidade e ocupações de cuidados, em um lugar de subserviência regada por discussões sensíveis em torno das questões de gênero. Com o papel educacional e sociocultural das bibliotecas, esta pesquisa reflete sobre como a mulher é representada, na luta pela consciência e respeito. Os estudos sobre os estereótipos nas classificações sobre a mulher permitem não só destacar situações vivenciadas por ela, como também abrem espaço para a compreensão de cenários ampliando as discussões e fomentando esta pauta na área de Biblioteconomia.

**Palavras-chave:** Sistemas de Classificação Bibliográfica. Classificação Decimal de Dewey. Classificação Decimal Universal. Estereótipos da mulher.

## ABSTRACT

It presents as a discussion the classifications of knowledge, which are part of the activities and studies of librarians and students of Librarianship around the world, who seek, in the best way, to organize the information so that it reaches the users served by the Information Units in a satisfactory way. As an instrument for this service, the Classification Systems Bibliographic are fundamental for the activities of organization and management of collections. Based on this, this research has the general objective of analyzing such Classification Systems, in particular the Dewey Decimal Classification and the Universal Decimal Classification, observing the presence of stereotypes about women. With the specific objectives: to present the DDC and UDC Knowledge Classification Systems; analyze the representation of women in the delimited Knowledge Classification Systems; to investigate the presence of stereotypes related to women in the delimited Classification Systems and to contextualize the relationship between the identified stereotypes and the historical aspects of the representation of women in society. It seeks to answer the research problem: Are female stereotypes being reproduced in the CDD and CDU Classification Systems? This is justified, given the difficulty in if you perceive negative representations, which carry prejudices and beliefs of people or groups and which are also materialized in these classifications. The methodology adopted is an exploratory, qualitative and bibliographic research. The results indicate the presence of stereotypes associated with women in society, evidencing aspects of maternity and care occupations, in a place of subservience watered by discussions sensitive around gender issues. With the educational and sociocultural role of libraries, this research reflects on how women are represented, in the struggle for conscience and respect. Studies on stereotypes in classifications about women allow not only highlight situations experienced by her, but also make room for the understanding of scenarios expanding the discussions and promoting this agenda in the area of Librarianship.

**Keywords:** Bibliographic Classification Systems. Dewey Decimal Classification. Universal Decimal Classification. Woman stereotypes.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável .....	38
Figura 2 – Resultados encontrados por Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana sobre a representação do conceito mulher na CDU e CDD .....	46
Figura 3 – Resultados encontrados por Suárez e Rodríguez-Bravo nas edições de 1995 e 2000 da CDU parte 1 .....	47
Figura 4 – Resultados encontrados por Suárez e Rodríguez-Bravo nas edições de 1995 e 2000 da CDU parte 2 .....	48
Figura 5 – Resultados encontrados por Suárez e Rodríguez-Bravo nas edições de 1995 e 2000 da CDU parte 3 .....	49
Figura 6 – Resultados encontrados por Suárez e Rodríguez-Bravo nas edições de 1995 e 2000 da CDU parte 4 .....	49
Figura 7 – Três estereótipos sobre a maternidade .....	53
Figura 8 – Dois estereótipos sobre a maternidade .....	54
Figura 9 – Rita Hayworth interpretando uma <i>femme fatale</i> no filme Gilda (1946) .....	55

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - As tabelas auxiliares na 23ª edição da CDD .....	21
Quadro 2 – As dez classes principais na 23ª edição da CDD.....	22
Quadro 3 – As divisões das classes principais 000 a 500 na 23ª edição da CDD no volume dois .....	23
Quadro 4 – As divisões das classes principais 600 a 900 na 23ª edição da CDD no volume três .....	24
Quadro 5 – As dez classes principais da 2ª edição padrão da CDU brasileira .....	26
Quadro 6 – As divisões das classes principais 0 a 5 da 2ª edição padrão da CDU brasileira ..	27
Quadro 7 – As divisões das classes principais 6 a 9 da 2ª edição padrão na CDU brasileira ..	28
Quadro 8 – As tabelas auxiliares da 2ª edição padrão da CDU brasileira.....	29
Quadro 9 – Relação de trabalhos recuperados por termos de busca .....	32
Quadro 10 – Relações dos estereótipos sobre a mulher com os resultados de Suárez e Rodríguez-Bravo (2001) nas edições de 1995 e 2000 em espanhol da CDU.....	50
Quadro 11 – Relações dos estereótipos sobre a mulher com os resultados de Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana (2018) da CDD e CDU .....	51

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUDH	Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos
CBBB	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
FID	Federação Internacional de Documental
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IFLA	Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias
OC	Organização do Conhecimento
OCLC	Online Computer Library Center
ONU	Organização das Nações Unidas
SOC	Sistema de Organização do Conhecimento

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>SISTEMA DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO .....</b>	<b>18</b>
<b>2.1</b>	<b>Classificação Decimal Dewey – CDD .....</b>	<b>21</b>
<b>2.2</b>	<b>Classificação Decimal Universal – CDU .....</b>	<b>25</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>31</b>
<b>4</b>	<b>REPRESENTAÇÃO DA MULHER NOS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO DO CONHECIMENTO .....</b>	<b>34</b>
<b>5</b>	<b>RESULTADOS: ESTEREÓTIPOS RELATIVOS À MULHER NA CDD E CDU .....</b>	<b>43</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>58</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>62</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A classificação está presente em muitos momentos da vida, de maneira consciente ou inconsciente. O ato de classificar perpassa a vida pessoal à profissional, impactando nas tomadas de decisões e nos processos de avaliação das escolhas. Em um mundo cheio de possibilidades, classificar pode ser entendido, por vezes, como a resposta para visualizar as opções. Piedade (1983) escreve que classificar é observar as diferenças e semelhanças e, assim, dividir em grupos. A classificação pode ser natural, quando é inerente ao objeto ou artificial se ele é variável. Assim, é possível perceber essa dinâmica formando grupos entre os iguais e notar quais são os diferentes.

Derek Langridge (1997) também menciona como a classificação está a todo momento presente na vida das pessoas, mesmo que isso não seja perceptível, o que contribui para perceber que o ato de classificar constantemente caracteriza a natureza fundamental do processo de classificação. O autor ainda acrescenta que sem a classificação não haveria pensamento, ação e organização. E que dessa maneira, a classificação permite transformar impressões sensoriais isoladas e incoerentes em algo com padrões reconhecíveis.

A Classificação faz parte da vida humana e auxilia no cotidiano, em sua forma simplista, como escrito por Langridge (1997) com classificações simples e óbvias, como em uma classificação de prateleiras no supermercado, mas quando tida como uma atividade dentro da Biblioteconomia, exige cuidado e atenção, de modo que auxilie com eficiência os usuários na recuperação da informação. Assim, como instrumento utilizado pelos profissionais da informação, temos os Sistemas de Classificação Bibliográfica, utilizados na organização dos documentos nos acervos, podendo realizar classificações gerais, para ordenar o conhecimento humano tanto em sua totalidade, como em suas especialidades (PIEADDE, 1983).

Os Sistemas de Classificação mais comumente usados são: a) a Classificação Decimal de Dewey (CDD), publicada em 1876, por Melvil Dewey, e b) a Classificação Decimal Universal (CDU) criada em 1905, por Paul Otlet e Henri La Fontaine, esta última tendo como base a CDD Ambos são baseados no contexto de sua origem e de seus criadores, o que não os torna imunes à necessidade de atualização, bem como demanda a atenção dos bibliotecários para suas utilizações. Como Guimarães e Pinho (2007) argumentam, os Sistemas de Classificação não são neutros. Existem, deste modo, fatores ideológicos que estão atrelados aos seus idealizadores, e que suscitam a necessidade de que os profissionais da informação levem essas questões em consideração ao utilizarem-nos como instrumentos.

Seguindo essa percepção, dentre as questões a serem consideradas estão os estereótipos atrelados à representação de assuntos, percebidos na estrutura de ambos os Sistemas de Classificação supracitados, que culminam numa situação que põe às interpretações dos profissionais da informação, embasadas nas transformações e atualizações da compreensão social sobre determinados assuntos, de frente às concepções datadas, reflexos do período histórico de desenvolvimento destes Sistemas de Classificação.

Diante aos diversos cenários passíveis de reflexão sobre a presença de estereótipos para estudos sobre estes Sistemas de Classificação Bibliográfica, como recorte, é focado na percepção de como estão sendo tratados os assuntos referentes às mulheres, ou seja, como estaria a mulher sendo representada tanto na CDD como também na CDU. Este trabalho vai entender os estereótipos negativos como uma representação ofensiva, pois é carregada de juízos de valor que surgem em contexto diversos e nem sempre de forma clara. A necessidade de trabalhar com tal reflexão se dá de modo a acompanhar e contribuir, através da Biblioteconomia, à transformação social, uma vez que o olhar para a forma que a mulher é percebida socialmente é estudado, também, em diversas outras áreas, assim como também através dos movimentos feministas.

Ao pensar nos movimentos feministas, é pertinente evidenciar um dos principais momentos históricos de bastante impacto, a chamada “segunda onda” do feminismo que ocorreu na década de 1960. Diversos estudos, reflexões e eventos procuravam evidenciar, como aborda Piscitelli (2009), que as mulheres eram construídas socialmente a depender do seu contexto de vida e tempo, e que a subordinação feminina e o papel atribuído a ela por ser mulher não é algo natural, mas sim uma construção, por isso, pensando, o que é construído é possível de alterar. Desse modo, estudando formas que levem a mulher a ter um lugar mais respeitoso perante a sociedade.

Estar atento à forma que a mulher é percebida procurando caminhos que contribuam para a sua igualdade social é uma das formas de garantir o seu espaço e tratamento respeitoso há muito tempo. Diversas áreas do conhecimento estudam como a mulher é tratada e representada. Como exemplo, podem ser citadas a Comunicação Social e a Antropologia. Algumas se aprofundam em apontar a existência de estereótipos, especialmente os negativos. Assim, articulando as respostas encontradas em tais estudos, auxiliam a entender por que a presença destes acontece. Seja em estudos feministas, na Antropologia ou na Comunicação Social, de diversas formas, os estereótipos e a imagem da mulher foram investigados e denunciam a necessidade de maior atenção a tais questões.

Na Biblioteconomia, por exemplo, a presença desses estereótipos pode ser percebida nas classificações bibliográficas e precisa de alerta e cuidado para serem evitadas. Nos Sistemas de Classificação, o aspecto linguístico da tradução de uma atividade profissional, a exemplo, pode denotar uma estereotipação da mulher ao associá-la a determinada profissão ou atividade. Estas representações podem cair, em uma linha tênue, entre uma representação que foi construída em torno da figura da mulher ao longo dos séculos, possuindo um viés contraditório ao que se entende e defende sobre a posição da mulher na sociedade na atualidade.

Com base nisso, apresentamos como problema de pesquisa: estereótipos femininos estão sendo reproduzidos nos Sistemas de Classificação CDD e CDU? Como as classificações bibliográficas nestes sistemas representam o conhecimento da humanidade, tratando também de assuntos sobre as mulheres, é pertinente estudar de que maneira isso está acontecendo, pois não seria correto que os estereótipos negativos atribuídos popularmente a elas sejam utilizados.

A justificativa para a realização desse trabalho se dá por motivos pessoais com a afinidade para assuntos relacionados à representação da mulher, dentro e fora do cenário acadêmico. Esta afinidade se iniciou com conversas e leituras sobre a representatividade das mulheres em livros e filmes/séries entre amigos, que ganhou uma nova dimensão ao entrar no curso no ano de 2018, e com o contato com disciplinas como Sociologia e Cultura brasileira, onde eram discutidos assuntos sobre gênero e questões das mulheres. No decorrer do curso, aprofundando em temáticas da Biblioteconomia em diferentes disciplinas, foi possível estudar também a preocupação com aspectos sociais, uma delas a representação da mulher no sistema de classificação bibliográfica. Com isso, foi possível unir um assunto querido com a Biblioteconomia.

Em um enfoque social, é justificado por contribuir com estudos sobre como a mulher é vista socialmente, como ela está sendo representada e se essas representações fazem jus às reivindicações históricas por respeito e igualdade, para pensar a mulher em um contexto específico, mas igualmente importante nas bibliotecas e na representação do conhecimento. Contribuindo com estudos em assuntos relacionados à participação da mulher não só como profissional e sua presença em outras atividades, mas também visualizar a sua inclusão em categorias de classificação e representação no campo da Biblioteconomia, permitindo assim, dissociar estereótipos desrespeitosos à imagem da mulher e uma transformação da sua representação na sociedade.

Com um propósito acadêmico, é refletido como mediar a informação é algo que o discente passa a sua trajetória acadêmica aprendendo, sabendo que é algo fundamental e importantíssimo para seu papel como bibliotecário. Todas as atividades consideradas técnicas

são importantes para que a informação chegue da melhor maneira para os usuários, que consigam solucionar suas demandas, mas é igualmente necessário pensar no papel social do bibliotecário. A forma que vai classificar qualquer informação visando auxiliar um público não é isento para esse profissional de pautar suas atividades em uma perspectiva sociocultural, buscando respeitar a diversidade e os grupos que pretende atender.

Os estudos sobre a classificação e os Sistemas de Classificação Bibliográficas, não só contribuem para que exista respeito, que leve em conta as diferenças dos indivíduos, mas o presente trabalho também busca auxiliar na expansão de discussões, buscando melhorias e atualizações para a área.

O presente trabalho tem como objetivo geral: analisar sobre a presença de estereótipos sobre a mulher na estrutura dos Sistemas de Classificação CDD e CDU. Com os objetivos específicos: a) apresentar os Sistemas de Classificação do Conhecimento CDD e CDU; b) analisar sobre a representação da mulher nos Sistemas de Classificação do conhecimento delimitados; c) investigar a presença de estereótipos relativos à mulher nos Sistemas de Classificação delimitados; e d) contextualizar a relação entre os estereótipos identificados e os aspectos históricos de representação da mulher na sociedade.

Para melhor desenvolvimento, a pesquisa está sendo abordada em seis seções. Que de maneira geral tem a seguinte forma: Segunda seção, trata da CDD e CDU como instrumentos importantes para os Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC). Ademais, também evidencia aspectos da tendência dos SOC em repassar os princípios e preconceitos da época de sua criação, com os argumentos de autores como Milani e Guimarães (2014). Na segunda seção também é destinada duas subseções para aprofundar em informações fundamentais sobre a CDD e CDU, como origem, criadores e classes principais; a terceira seção, traz a metodologia empregada, como por exemplo, o universo e o corpus da pesquisa, com o primeiro sendo a CDD e a CDU, e a segundo os trabalhos das autoras

A quarta seção trata sobre a representação da mulher nos sistemas de classificação do conhecimento, partindo da ideia que as questões gênero e estereótipos vão atingir a mulher em seu trabalho, com isso pensamento no impacto de seus instrumentos, como a CDD e a CDU. Por isso, essa seção também trabalha com alguns conceitos sobre estereótipos; a quinta seção, é destinada para os resultados sobre a presença de estereótipos sobre a mulher nos dois sistemas estudados, e apresentar as consequências sobre repassar classificações estereotipadas para mulher, bem como a sociedade. A sexta seção, finaliza com as considerações finais, resgatando informações, como o objetivo, pontos positivos e maneiras que os estudos podem continuar ao aproveitar o conhecimento oferecido pelo entendimento sobre os estereótipos.

## 2 SISTEMA DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Para que as demandas dos usuários nas bibliotecas e instituições sejam resolvidas, as informações precisam ser tratadas. Dessa maneira, é importante apontar como a CDD e a CDU estão inseridas nesse contexto do tratamento da informação, e pode-se iniciar descrevendo a Organização do Conhecimento (OC), tão relevante para a Biblioteconomia e a Ciência da Informação. A OC é a área que tem como objetivo a sistematização do conhecimento registrado e socializado, contribuindo para a recuperação, acesso, uso e apropriação da informação (CASARIN; FERREIRA; MILANI, 2017). Hjørland (2008) percebe a Organização do Conhecimento por dois sentidos, o estrito e o amplo, o primeiro é focado em atividades desenvolvidas em bibliotecas, arquivos e outros espaços que cuidam das informações, com atividades como classificação, descrição e indexação de documentos. No sentido amplo, diz respeito ao conhecimento estudado e investigado por instituições, como as universidades (HJØRLAND, 2008 *apud* VILELA; GOTTSCHALG-DUQUE, 2018).

Essas atividades em seu sentido estrito formulado por Hjørland, corrobora com a temática deste trabalho, por isso a necessidade de se aprofundar nessas questões. A OC estrutura e organiza conceitos por meio de suas características, Ingetraut Dahlberg (2006 *apud* VILELA; GOTTSCHALG-DUQUE, 2018), argumenta que a percepção do conhecimento se dá apenas na mente, através de elementos do conhecimento, que são as características dos conceitos; pelas unidades de conhecimento, que são os próprios conceitos; pelas combinações de conceitos e unidades de conhecimento organizadas.

Para essa organização sistemática do conhecimento é preciso instrumentos que auxiliem, dessa forma são criados os Sistema de Organização do Conhecimento (SOC). Com o objetivo de representar os conteúdos, organizando a informação e o conhecimento, os SOC são sistemas conceituais planejados de maneira semântica, trabalhando com os termos, as definições, o relacionamento e as propriedades dos conceitos (CARLAN; MEDEIROS, 2012). Como característica dos SOC, é possível indicar estruturas com esquemas não só simples, mas também multidimensionais, buscando eliminar a ambiguidade, controlar sinônimos e identificar relacionamentos semânticos entre os conceitos (CARLAN; MEDEIROS, 2012).

Diferentes instrumentos que lidam com a organização do conhecimento são considerados Sistemas de Organização do Conhecimento, entre eles as classificações, ontologias, taxonomias e tesouros (CARLAN; MEDEIROS, 2012). Para deixar mais claro do

que se tratam esses instrumentos, é pertinente uma explicação rápida desses exemplos. No contexto dos SOC e da Biblioteconomia, a ontologia vai estar relacionada ao controle terminológico. É um esquema que opera na estrutura dos conceitos e suas relações em um determinado domínio, sendo um vocabulário formal (SALES; CAFÉ, 2009). Na Ciência da Informação, segundo Terra (2004 *apud* AGANETTE; ALVARENGA; SOUZA, 2010) taxonomia é um sistema, um vocabulário controlado que vai classificar a informação por meio da representação de conceitos usando os termos de uma área do conhecimento. Contribui assim não só para a recuperação como também para a comunicação entre os profissionais, os usuários e o sistema.

O outro exemplo de SOC citado é o *tesauro* que também é um vocabulário controlado constituído por termos descritores, padronizados na sua forma e significado, que vão estar relacionados de maneira semântica e genérica (LIMA; MACULAN, 2017). Tem como características serem estruturas com relações hierárquicas, gênero-espécie e todo parte e associativamente, sendo utilizado em forma geral para indexar, recuperar e representar de forma abreviada as informações de um domínio (LIMA; MACULAN, 2017; SALES; CAFÉ, 2009). As classificações tendo papel de destaque nesse trabalho são abordadas detalhadamente mais adiante.

Sobre os SOC podem ser destacados ainda os resultados da pesquisa dos autores Vilela e Gottschalg-Duque (2018), que escrevem como característica em comum entre os SOC, a questão de representar a linguagem natural em uma linguagem formal, o que facilita a recuperação. Contudo, o que os torna diferentes é o nível de complexidade de suas relações semânticas.

Como os Sistemas de Organização do Conhecimento são uma ferramenta indispensável para as instituições, estando presentes em diversos esquemas que fazem parte dos serviços oferecidos por bibliotecas, museus, arquivos entre outros, é importante destacar que os SOC não são perfeitos. Estudos na literatura indicam os problemas imbuídos nos SOC. Os autores Milani e Guimarães (2014), por exemplo, formulam como os SOC são tendenciosos, pois foram criados e estão sendo revisados com base em valores de uma época, objetivos da instituição e suas crenças.

Dessa maneira, Milani e Guimarães (2014) continuam a argumentar que os SOC trazem vieses, uma inclinação para transmitirem os princípios de seus criadores, o que por sua vez abre margem para transmitir também preconceitos ou desvios. Barité (2011) escreve que o viés é um desvio indesejado porque privilegia aspectos culturais ou ideológicos em um espaço

que existe uma aparente neutralidade. Como o foco deste trabalho está nos Sistemas de Classificação, é pertinente saber melhor a seu respeito.

As atividades da classificação bibliográfica estão voltadas para os livros, os documentos em geral, e como Barbosa (1969) explica, a Classificação Bibliográfica é o processo da formação de grupos com base nos assuntos, os inserindo em um sistema pré-estabelecido, permitindo que tenham um lugar na coleção. As Classificações Bibliográficas pertencendo aos SOC, fazem parte das Linguagens de Indexação (ou Linguagens Documentarias). Ou seja, na categoria Pré-coordenadas (instrumentos pré concebido em que o conhecimento está organizado de forma hierarquizada). De acordo com Lima e Maculan (2017), os Sistemas de Classificação têm como característica serem construídos por meio de signos estruturados e normalizados, sendo gerais quando tem o intuito de envolver todos os campos do conhecimento ou especializado, quando tem como alvo assuntos específicos.

Ademais, os Sistemas de Classificação podem ser analíticos, quando sistematizam fenômenos físicos, viabilizando seu entendimento, ou podem ser documentais (de assuntos ou bibliográficos) e implicam a classificação de documentos, em qualquer tipo de suporte e mídia, visando facilitar, principalmente, a localização do item em um dado acervo (LIMA; MACULAN, 2017, p. 64).

Os Sistemas de Classificação têm uma estrutura em geral formada por um esquema de classificação por semelhança, uma notação da classificação e um índice (LIMA; MACULAN, 2017). Alguns tipos de classificações bibliográficas, chamados de Sistemas de Classificação de assunto, são pertinentes destacar (LIMA; MACULAN, 2017): Classificação da Biblioteca do Congresso (1902), Classificação de Assuntos (1906), Classificação dos Dois Pontos (1933), Classificação Decimal de Dewey (1876) e Classificação Decimal Universal (1905). Esses dois últimos, como já citado, são os sistemas bibliográficos discutidos com mais profundidade no decorrer deste trabalho.

Os Sistemas de Classificação Bibliográfica analisados foram criados em diferentes contextos, em um momento distante, com histórias e características específicas de seus criadores e instituições mantenedoras que impactam em seus produtos. Com a necessidade de conhecer e se familiarizar com seus aspectos de origem e os caminhos históricos até a atualidade, deste modo, estão apresentadas a seguir as questões relevantes dentro da temática trabalhada para cada sistema bibliográfico escolhido.

## 2.1 Classificação Decimal Dewey – CDD

A CDD é um instrumento de organização do conhecimento que foi criado por Melville Louis Kossuth Dewey<sup>1</sup>, que nasceu em 1851 em Nova Iorque. Quando, em 1870, estudava na Amherst College em Massachusetts, começou a trabalhar como auxiliar na biblioteca da instituição, Dewey percebe que não existia uma uniformidade entre as bibliotecas na sua ordenação (FREITAS; MORAES, 2018), o que gerava uma desorganização e comprometia o bom funcionamento dos serviços. Depois de graduado em 1874, começa a procurar meios para solucionar essa problemática e inicia assim visitas a outras bibliotecas para pesquisar seus esquemas classificatórios. Por meio de observações e conversas elabora seu próprio esquema e em 1876 publica, de forma anônima, o que seria conhecida mais tarde como a primeira edição da CDD, *A Classification and Subject Index for Cataloging and Arranging the Books and Pamphlets of a Library* (FREITAS; MORAES, 2018).

Na segunda edição, em 1885, é renomeada para *Decimal Classification and relative index*, já com a reivindicação de Dewey por sua autoria. Esse nome seria mantido até a 16ª edição, a partir de 1958 seria renomeada para então *Dewey Decimal Classification*. Com todo o seu trabalho para reorganizar as bibliotecas ele conseguiu criar um sistema bibliográfico que pela primeira vez usava símbolos para classificar os livros e não as estantes como eram realizadas antes (BARBOSA, 1969).

A CDD impressa é composta por quatro volumes. Volume 1 com conteúdo como introdução, manual, glossários e tabelas auxiliares. As tabelas auxiliares permitem ao classificador a expansão das notações (BARBOSA, 1969). O volume 2, com as classes de 000 a 500, volume 3, com as classes 600 a 900 e volume 4 com o índice relativo e outras instruções do melhor uso para as classificações. O conteúdo das seis tabelas auxiliares da CDD pode ser encontrado no quadro 1 a seguir.

Quadro 1 - As tabelas auxiliares na 23ª edição da CDD

Tabela	Nome
T1	Subdivisões padrão
T2	Áreas geográficas, períodos históricos, biografias

<sup>1</sup>Dewey teve um papel de destaque na Biblioteconomia, participou da fundação da American Library Association em 1876, onde ocupou diversos cargos ao longo dos anos, como secretário e presidente. No ano de 1878 ainda participou do lançamento do *Library Journal* e da criação do primeiro curso de Biblioteconomia da então Columbia College, hoje universidade de Columbia. Curso esse que admitiu a entrada também de mulheres. Dewey ainda seria uma presença ativa nas criações de associações (PIEDADE, 1983).

T3	Subdivisões para as artes, para as literaturas individuais, para as formas literárias específicas
T3A	Subdivisões para trabalhos de ou sobre autores individuais
T3B	Subdivisões para trabalhos para obras de ou sobre mais de um autor
T3C	Notação a ser adicionada onde instruído na Tabela 3B, 700.4; 791.4, 800-809
T4	Subdivisões de idiomas individuais e famílias de idiomas
T5	Grupos étnicos e nacionais
T6	Idiomas

Fonte: Dewey (2011).

Os volumes 2 e 3 correspondem ao lugar em que Dewey organizou o conhecimento em uma estrutura de dez classes principais. Essas dez classes podem ser subdivididas em dez seções e essa por sua vez pode ser ampliada para mais dez seções (BARBOSA, 1969). A notação é estabelecida com números decimais, entretanto não utilizando o zero inicial e a vírgula, restando três algarismos e inserindo o sinal gráfico de um ponto depois do terceiro algarismo (PIEIDADE, 1983). As classes principais na CDD podem ser conferidas conforme o quadro 2 abaixo.

Quadro 2 – As dez classes principais na 23ª edição da CDD

Classe	Assunto
000	Ciências da computação, informação e trabalhos gerais
100	Filosofia e psicologia
200	Religião
300	Ciências sociais
400	Línguas
500	Ciências naturais e matemática
600	Tecnologia (ciências aplicadas)
700	Artes
800	Literatura e retórica
900	História, geografia e disciplinas auxiliares

Fonte: Dewey (2011).

Para um maior entendimento da estrutura da CDD e como é organizado o conhecimento neste sistema, é apresentado o quadro 3, logo abaixo, para mostrar como ocorre as suas divisões.

Quadro 3 – As divisões das classes principais 000 a 500 na 23ª edição da CDD no volume dois

<p><b>000 Ciências da computação, informação e trabalhos gerais</b></p> <p>010 Bibliografias 020 Biblioteconomia e ciência da informação 030 Enciclopédia e anuários 040 Não atribuído 050 Revistas, jornais e séries 060 Associações, organizações e museus 070 Meios de comunicação, jornalismo e publicações 080 Citações 090 Manuscritos e livros raros</p>	<p><b>300 - Ciências sociais</b></p> <p>310 Estatística 320 Ciência Política 330 Economia 340 Direito 350 Administração pública e ciência militar 360 Problemas sociais e serviço social 370 Educação 380 Comércio, comunicação e transporte 390 Costumes, etiqueta e folclore</p>
<p><b>100 Filosofia e psicologia</b></p> <p>110 Metafísica 120 Epistemologia 130 Parapsicologia e ocultismo 140 Escolas filosóficas de pensamento 150 Psicologia 160 Lógica filosófica 170 Ética 180 Filosofia antiga, medieval e oriental 190 Filosofia ocidental moderna</p>	<p><b>400 - Línguas</b></p> <p>410 Linguística 420 Língua inglesa e inglês antigo 430 Língua alemã e relacionados 440 Língua francesa e relacionados 450 Língua italiana, romena e relacionados 460 Espanhol, português e língua galega 470 Latim e itálico 480 Língua grega clássica e moderna 490 Outras línguas</p>
<p><b>200 Religião</b></p> <p>210 Filosofia e teoria da religião 220 Bíblia 230 Cristandade 240 Práticas e costumes cristãos 250 Prática pastoral cristã e ordens religiosas 260 Organização cristã, trabalho social e culto 270 História do cristianismo 280 Denominações cristãs 290 Outras religiões</p>	<p><b>500 Ciências naturais e matemática</b></p> <p>510 Matemática 520 Astronomia 530 Física 540 Química 550 Ciências da terra e geologia 560 Fósseis e vida pré-histórica 570 Biologia 580 Plantas (botânica) 590 Animais (zoologia)</p>

Fonte: Dewey (2011).

No quadro 4, segue com as divisões das classes principais, agora mostrando as que podem ser encontradas no volume três da CDD pertencente às classes 600 a 900, que diferente do volume dois como mostrado no quadro 3, estão inclusas as classes principais de 000 a 500.

Quadro 4 – As divisões das classes principais 600 a 900 na 23ª edição da CDD no volume três

<p><b>600 Tecnologia (ciências aplicadas)</b></p> <p>610 Medicina e saúde 620 Engenharia 630 Agricultura 640 Gestão de casa e família 650 Gestão e relações públicas 660 Engenharia química 670 Indústria 680 Indústria para usos específicos 690 Construção</p>	<p><b>800 Literatura e retórica</b></p> <p>810 Literatura em inglês dos Estados Unidos da América 820 Literatura em língua inglesa e inglês antigo 830 Literatura alemã e relacionados 840 Literatura francesa e relacionados 850 Literatura italiana, romena e relacionados 860 Literatura espanhola, portuguesa e galega 870 Literatura latina e itálica 880 Literatura grega clássica e moderna 890 Outras literaturas</p>
<p><b>700 - Artes</b></p> <p>710 Planejamento de áreas e arquitetura paisagística 720 Arquitetura 730 Escultura, cerâmica e metalurgia 740 Artes gráficas e artes decorativas 750 Pintura 760 - Gravura e estampas? 770 Fotografia, arte por computador, filme, vídeo 780 Música 790 Esportes, jogos e entretenimento</p>	<p><b>900 História, geografia e disciplinas auxiliares</b></p> <p>910 Geografia e viagem 920 Biografia e genealogia 930 História do mundo antigo 940 História da Europa 950 História da Ásia 960 História da África 970 História da América do Norte 980 História da América do Sul 990 História de outras áreas</p>

Fonte: Dewey (2011).

Melvil Dewey criou um sistema de classificação bibliográfico bastante aceito, como a própria introdução da 23ª edição da CDD evidencia que em mais de 138 países, bibliotecas, o utilizam e já foi traduzido para mais de 30 idiomas, sendo o sistema de classificação mais usado (DEWEY, 2011). Barbosa (1969) descreve como a CDD, desde o seu lançamento, teve uma boa aceitação, por permitir de maneira fácil a sua utilização, combinado com o contexto da época, de expansão do uso das bibliotecas, necessitando de um bom sistema para essas novas

demandas. A responsabilidade nos tempos atuais fica em cargo pela Online Computer Library Center (OCLC) e que mantém também uma versão online da CDD.

A CDD tem um grande destaque como Sistema de Classificação Bibliográfica, utilizada por diversas bibliotecas, a sua criação é um marco para a organização do conhecimento mundial, sendo atualizada e adaptada ao longo dos anos, sua importância é justificada. A CDD também é fundamental para a criação do outro sistema discutido neste trabalho, a CDU, foco da seção a seguir.

## 2.2 Classificação Decimal Universal – CDU

O segundo sistema de classificação bibliográfica importante para o desenvolvimento deste trabalho é a CDU, originada com base na CDD, pois os seus idealizadores, os belgas, Paul Otlet e Henri La Fontaine buscavam ordenar o repertório bibliográfico universal. Ideia que passou a existir como resultado da 1ª Conferência Internacional de Bibliografia, que aconteceu em Bruxelas no ano de 1895 (SIMÕES; RODRÍGUEZ-BRAVO; FERREIRA, 2018). Otlet passa a pesquisar diferentes Sistemas de Classificação e acaba optando pela CDD e, com a permissão de Dewey, conseguem criar um sistema próprio que inclui sinais e símbolos (BARBOSA, 1969). Dessa forma, o sistema de classificação que estava para se desenvolver conseguiria ser muito mais detalhista e abranger aspectos que a CDD não conseguia, com mais flexibilidade para classificar assuntos compostos (BARBOSA, 1969).

Com isso, a primeira edição da CDU foi lançada em 1905 com o nome *Manuel du Répertoire Bibliographique Universel*, no idioma francês, essa versão também ficou conhecida como classificação de Bruxelas (BARBOSA, 1969). A segunda edição, em 1933, é renomeada para *Classification Décimale Universelle*. O Instituto Internacional de Bibliografia, que mudaria de nome em 1937 para Federação Internacional de Documentação (FID) na época, estava com a responsabilidade das publicações, o que ficaria até 1992. As comissões do instituto ficam a cargo das publicações em outros idiomas. A partir de 1992 as edições são de responsabilidade do consórcio de editores de Liège (SIMÕES; RODRÍGUEZ-BRAVO; FERREIRA, 2018).

A CDU foi publicada em português em uma edição brasileira de responsabilidade do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). A 2ª edição-padrão brasileira é composta de dois volumes. O volume 1 contendo a introdução e as tabelas sistemáticas, sendo elas as tabelas

auxiliares, identificadas como comuns e especiais e as tabelas principais e o volume dois com o índice alfabético (UDC CONSORTIUM, 2007).

No que diz respeito a estrutura e características da CDU, a princípio, por sua origem da adaptação da CDD, tem muitos aspectos que se assemelham, como ser organizada em dez classes principais conforme o quadro 5 a seguir.

Quadro 5 – As dez classes principais da 2ª edição padrão da CDU brasileira

Classe	Assunto
0	Generalidades
1	Filosofia. Psicologia
2	Religião. Teologia
3	Ciências Sociais
4	Vago
5	Matemática e ciências naturais
6	Ciências Aplicadas. Medicina. Tecnologia
7	Artes. Recreação. Divertimento. Esportes
8	Língua. Linguística. Literatura
9	Geografia, Biografia. História

Fonte: UDC CONSORTIUM (2007).

A classe 4 antes de 1962 era ocupada com conteúdo de linguística, que vai para a classe 8 deixando assim a classe 4 vazia para ser ocupada por conhecimento futuro que tenha necessidade de ser representado. A CDU, ao contrário da CDD, possui notações mistas, se utilizando de sinais gráficos, letras e a depender do caso, até palavras, e o uso de um ponto após três algarismos para uso simbólico e não classificatório (BARBOSA, 1969). Outras características também são apresentadas, por exemplo, pretender ser um sistema de classificação enciclopédica ao tentar representar todo o saber. Tem aspectos de um sistema enumerativo, mas também de um sistema facetado, por isso é definida como sistema misto (SIMÕES; RODRÍGUEZ-BRAVO; FERREIRA, 2018).

As subdivisões da CDU são apresentadas da seguinte maneira conforme podem ser visualizadas nos quadros 6 e 7.

Quadro 6 – As divisões das classes principais 0 a 5 da 2ª edição padrão da CDU brasileira

<p><b>0 Generalidades</b></p> <p>01 Bibliografia. Catálogo  02 Biblioteconomia  03 Obras gerais de referências  04  05 Publicações seriadas  06 Organizações de forma geral  07 Jornais. Imprensa  08 Poligrafias. Obras de autoria coletiva  09 Manuscritos. Obras raras e notáveis</p>	<p><b>3 Ciências Sociais</b></p> <p>31 Demografia. Sociologia. Estatística  32 Política  33 Economia. Ciência económica  34 Direito. Jurisprudência  35 Administração pública. Governo. Assuntos militares  36 Atenção às necessidades materiais e mentais da vida  37 Educação  38  39 Etnologia. Etnografia. Costumes. Usos. Tradições. Modo de vida. Folclore</p>
<p><b>1 Filosofia. Psicologia</b></p> <p>11 Metafísica  122/129 Metafísica especial  13 Filosofia da mente e do espírito. Metafísica da vida espiritual  14 Sistemas e pontos de vista filosóficos  159.9 Psicologia  16 Lógica. Epistemologia. Teoria do conhecimento. Metodologia da lógica  17 Filosofia moral. Ética. Filosofia prática</p>	<p><b>4 Vago</b></p>
<p><b>2 Religião. Teologia</b></p> <p>21/29 Sistemas religiosos. Religiões e crenças religiosas  21 - Religiões pré-históricas e primitivas  22 Religiões que tiveram origem no Extremo Oriente  23 Religiões originárias do subcontinente indiano  24 Budismo  25 Religiões da antiguidade. Cultos e religiões menores  26 Judaísmo  27 Cristandade. Igrejas e denominações cristãs  28 - Islamismo</p>	<p><b>5 Matemática e ciências naturais</b></p> <p>51 Matemática  52 Astronomia. Astrofísica. Pesquisa espacial. Geodésia  53 Física  54 Química. Cristalografia. Mineralogia  55 Geociências, Ciências da terra. Ciências geológicas  56 Paleontologia  57 Ciências biológicas em geral  58 Botânica  59 Zoologia</p>

## 29 - Movimentos espirituais modernos

Fonte: UDC CONSORTIUM (2007, 2022).

O quadro 7 abaixo continua a mostrar como se desdobra as classificações das classes principais, agora para as classes de 6 a 9 na CDU.

Quadro 7 – As divisões das classes principais 6 a 9 da 2ª edição padrão na CDU brasileira

<p><b>6 Ciências Aplicadas. Medicina. Tecnologia</b></p> <p>60 Biotecnologia  61 Ciências médicas  62 Engenharia. Tecnologia em geral  63 Agricultura e ciências e técnicas afins. Silvicultura. Agronomia. Aproveitamento da vida selvagem  64 Economia doméstica. Ciência doméstica  65  654 Telecomunicações e telecontrole  66 Tecnologia química. Indústrias químicas e afins  67 Indústria, artes industriais e ofícios diversos  68 Indústrias, artes e ofícios de artigos acabados ou montados  69 Indústria da construção. Materiais de construção. Práticas e procedimentos de construção</p>	<p><b>8 Língua. Linguística. Literatura</b></p> <p>80 Questões gerais referentes à linguística e à literatura. Filologia  81 Linguística e línguas  82 Literatura</p>
<p><b>7 Artes. Recreação. Divertimento. Esportes</b></p> <p>71 Planeamento territorial, físico. Planeamento regional, urbano e rural. Paisagens, parques, jardins  72 Arquitetura  73 Artes plásticas  74 Desenho. Desenho artístico. Artes e ofícios aplicados  75 Pintura  76 Artes gráficas. Gravura  77 Fotografia e processos similares  78 Música  79 Recreação. Diversão. Jogos. Esportes</p>	<p><b>9 Geografia. Biografia. História</b></p> <p>91 Geografia. Exploração da terra e de países. Viagens. Geografia regional  92 Estudos biográficos. Genealogia. Heráldica. Bandeiras  93/94 História</p>

Fonte: UDC CONSORTIUM (2007, 2022).

Como já citado, o volume 1 também contém as tabelas auxiliares comuns e as especiais que podem ser visualizadas no quadro 8 a seguir.

Quadro 8 – As tabelas auxiliares da 2ª edição padrão da CDU brasileira

Tabela	Subdivisões	Símbolos	Seção
1a	Adição. Extensão	+ /	Auxiliares Comuns
1b	Relação. Ordenação. Subagrupamento	: [ ] ::	
1c	Língua	=	
1d	Forma	(0...)	
1e	Lugar	(1/9)	
1f	Raça, grupos étnicos, nacionalidade	(=...)	
1g	Tempo	“...”	
1h	Assuntos não pertencentes à CDU	* A/Z	
1k	Características Gerais	-02 -03 - 04 -05	
	Analítica de ponto	.01/.09	
	Analítica de traço	1/-9	
	Apóstrofo	,	

Fonte: UDC CONSORTIUM (2007).

Barbosa (1969) escreve algumas características positivas da CDU, como a vantagem de ser traduzida para a língua portuguesa (ao contrário da CDD), ser multidimensional, analítico-sintético, ter uma ampla divulgação, constantes atualizações e seu aspecto para uso universal. Piedade (1983) também aponta como a aquisição da CDU é um problema por ter suas impressões já esgotadas.

A CDU, que foi baseada na CDD, que teve o seu início focado no controle bibliográfico universal, é hoje um dos principais Sistemas de Classificação Bibliográfica. Com uma edição em português do Brasil é uma alternativa que facilita o acesso e o entendimento de seus esquemas no contexto do país. E, assim como a CDD, suas instituições mantenedoras buscam se manter atualizadas e com adaptações para acompanhar o conhecimento desenvolvido

ao longo dos tempos pela sociedade. O que, infelizmente, não garante uma representação justa para abranger com os diversos grupos sociais e seus dilemas, que será visto na próxima seção.

### 3 METODOLOGIA

Esta seção destina-se à apresentação da metodologia desta pesquisa. Assim, a pesquisa científica necessita de esclarecimentos sobre seus processos, conforme esclarece Cartoni (2009), que descreve a pesquisa como o conjunto de ações realizadas através de procedimentos racionais e sistemáticos, para solucionar um problema, seguindo normas aceitas pela ciência.

Pode-se caracterizar esta pesquisa como exploratória, uma vez que se propõe a investigar discussões que ainda são principiantes na área, sendo essa a finalidade deste tipo de pesquisa,

[...] sobretudo quando bibliográfica, proporcionar maiores informações sobre determinado assunto; facilitar a delimitação de um tema de trabalho; definir os objetivos ou formular as hipóteses de uma pesquisa ou descobrir novo tipo de enfoque para o trabalho que se tem em mente (ANDRADE, 2003, p. 124).

Apoiando a posição de Andrade (2003) sobre a pesquisa exploratória, Cartoni (2009) argumenta como esta "[...] colabora com a familiarização do fenômeno para que se obtenha uma percepção sobre ele. Primordialmente, tem o papel de avaliar quais as relações entre os componentes do objetivo de estudo e é, em geral, recomendada quando há pouco conhecimento sobre o assunto". A pesquisa também é apresentada de caráter qualitativo e de natureza bibliográfica, pois utiliza-se da literatura da área para construir e fundamentar a discussão.

Como universo de pesquisa foram utilizadas as classificações bibliográficas mais comuns, em âmbito nacional, nas atividades das bibliotecas, sejam a CDD e a CDU, tendo como *corpus* de pesquisa os trabalhos realizados pelas autoras Suárez e Rodríguez-Bravo (2001) e Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana (2018).

Na construção do referencial teórico foram levantados nas bases de dados Brapci, Capes e Scielo, os trabalhos relativos às temáticas investigadas, tendo como recorte os específicos sobre a mulher nos dois Sistemas de Classificação Bibliográfica. Entendendo a amplitude dos estudos de gênero, o levantamento teve o objetivo de evidenciar o uso do termo 'mulher'. Assim, utilizando como termos de busca: 'mulher' AND 'Sistema de Classificação'; 'mulher' AND 'Sistemas de Classificação Bibliográfica'; 'mulher' AND 'Classificação Decimal de Dewey' e 'mulher' AND 'Classificação Decimal Universal'.

Deste modo, foram recuperados 8.587 mil trabalhos, conforme estão detalhados no quadro 9 abaixo:

Quadro 9 – Relação de trabalhos recuperados por termos de busca

Termo de busca	Base de dados	Trabalhos recuperados
mulher AND Sistemas de Classificação	Brapci	1
	Capes	6.690
	Scielo	9
mulher AND Sistemas de Classificação Bibliográfica	Brapci	0
	Capes	1.859
	Scielo	0
mulher AND Classificação Decimal de Dewey	Brapci	1
	Capes	8
	Scielo	0
mulher AND Classificação Decimal Universal	Brapci	1
	Capes	18
	Scielo	0

Fonte: Elaborado pela autora

Com a recuperação de 6.690 trabalhos na Capes e procurando a especificidade para a temática sobre a CDD e à CDU, foram utilizados os termos de busca ‘mulher’ AND ‘Classificação Decimal de Dewey’ e ‘mulher’ AND ‘Classificação Decimal Universal’. A partir destes resultados, foram realizadas leituras de análise para a seleção de documentos para serem usados no presente trabalho.

Uma vez recuperados os trabalhos, pôde-se perceber que um número expressivo não se delimitava às abordagens desta pesquisa, ou seja, sobre os sistemas de classificação usados nas bibliotecas. Como exemplo, ao utilizar os termos de busca ‘mulher’ AND ‘Classificação Decimal de Dewey’, na Capes, foram recuperados oito documentos, sendo, entretanto, apenas um artigo com o assunto relacionado à CDD e à CDU, se tratando do trabalho de Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana (2018).

Com a leitura do trabalho de Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana (2018), foi encontrado como autoras referenciadas o artigo em espanhol de Suárez e Rodríguez-Bravo (2001) sobre a imagem da mulher nas edições de 1995 e 200 da CDU. Conforme observado a relação temática entre estes trabalhos, foi selecionado para essa pesquisa.

Dessa maneira, dos trabalhos recuperados, foram utilizados como principais referências tais trabalhos Ribeiro, Decourt e Almeida (2017) e Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana (2018), sendo necessário ressaltar que, visto a escassez de trabalhos com o alinhamento temático específico desta pesquisa, foram definidos como autoras seminais para as discussões da seção 3.1, Suárez e Rodríguez-Bravo (2001) com o trabalho sobre as edições de 1995 e 2000 da CDU em língua espanhola e Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana (2018) sobre a CDD, que utilizam a *Guide de la classification décimale de Dewey: tables abrégées* e a 22<sup>a</sup> edição integral em língua inglesa, sobre a CDU.

#### 4 REPRESENTAÇÃO DA MULHER NOS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO DO CONHECIMENTO

Para analisar sobre a mulher e sua representação nos Sistemas de Classificação do Conhecimento é preciso iniciar pontuando as questões de gênero que rodeiam sua vivência. E esse trabalho se insere no contexto de estudos de gênero ao contextualizar a mulher com escritos feministas e sobre mulheres ao destacar a importância de sua representação justa nos Sistemas de Classificação.

A mulher em estudos de gênero está inserida em um cenário amplo, que acompanha as diferentes relações sociais, dessa maneira estudos de gênero não são sinônimos para estudos feministas e estudos sobre as mulheres (CONNELL; PEARSE, 2015 *apud* ROMEIRO; SILVA, 2019). Como gênero diz respeito às questões das relações sociais que indivíduos e grupos fazem parte, portanto, de estrutura social, não sendo assim, uma dicotomia fixa entre macho e fêmea baseado em aspectos biológicos (CONNELL; PEARSE, 2015).

Por isso, como as autoras Nathalia Lima Romeiro e Franciéle Carneiro Garcês da Silva (2019) esclarecem, os estudos de gênero têm diversas vertentes.

[...] estudos de gênero dentre tantas outras possibilidades, tais como: a masculinidade e/ou feminilidade cisgênera, masculinidade e feminilidade transgênera, as relações entre estudos de gênero e sexualidade, gênero e política, gênero e corporeidade, estudos comportamentais e experimentais sobre homens, mulheres, pessoas não-binárias, população LGBTQIA+, estudos de gênero relacionados à interseccionalidade, classe e raça/etnia, estudos gênero e a condição humana (pessoas com deficiência e sem deficiência), estudos de gênero relacionados à infância, juventude, meia idade e velhice, entre outras temáticas. (ROMEIRO; SILVA, 2019, p. 144).

A mulher como categoria dos estudos de gênero é o foco deste trabalho, mas é indispensável ressaltar como ela está inserida em dinâmicas sociais diversas e evidenciar a pluralidade de questões. E mesmo que a mulher em si seja o objeto de estudo, sua experiência como mulher é vivida de diferentes maneiras a depender do que se é, como mulher negra, branca, trans, cis, indígena entre outras tantas formas do que diz respeito a ser mulher.

Na Biblioteconomia hoje a mulher ocupa um espaço significativo, sendo a maioria dentre esses profissionais (ESCALANTE, MALLMANN E COUTINHO, 2021). O que nem sempre foi assim, apesar da prática profissional bibliotecária ser reconhecida desde a antiguidade com os filósofos e copistas preservando a informação e na Idade Média com as

bibliotecas em conventos e mosteiros (FERREIRA, 2019), essa não era uma atividade exercida por uma mulher. Com o avanço da sociedade, a expansão dos livros, abertura de bibliotecas para a população e a criação de cursos de Biblioteconomia no século XX (FERREIRA, 2019) a área vai se desenvolvendo. Maria Ferreira (2019) ainda argumenta como a profissão nasceu masculina e ao longo dos tempos foi se feminizando, quando as mulheres entram no mercado de trabalho e encontram na profissão de bibliotecária uma área importante e “adequada”.

Na atualidade, a mulher na Biblioteconomia pode ser vista enfrentando algumas situações frente ao seu papel como bibliotecária e sujeito social. Maria Ferreira (2003) em outro estudo mostra como profissionais em seu espaço de trabalho associado e com maioria feminina podem ser desvalorizados perante uma profissão tida como masculina. Por exemplo, em profissões tidas como femininas existe uma desvalorização de aspectos salariais não importando o tempo de educação dedicado, mesmo que segundo Olinto (1997 apud FERREIRA, 2003) os salários e o prestígio são reflexos de alguma forma do tempo médio concebido para a educação. Ferreira (2003) argumenta ainda que é justamente o que acontece na área da Biblioteconomia. Tatiely Neves (2018) pesquisou a distribuição de cargos em relação ao gênero em equipes editoriais de periódicos científicos do Nordeste e, apesar da quantidade de cargos para as mulheres, os de chefia não os acompanhavam. Sobre os cargos importantes para as mulheres também é pertinente citar o artigo de Maria Ferreira (2019) ao explicitar que discriminações com a mulher no mercado de trabalho também se dá pela ocupação de cargos de poder ao mostrar que na Biblioteca Nacional em todos os seus mais de 200 anos de história o cargo de dirigente foi de uma mulher apenas em quatro mandatos.

Complementando, as autoras Romeiro e Silva (2019) apresentaram em seu artigo o relato de experiência de uma oficina no 36º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina, buscando evidenciar o protagonismo da mulher na Ciência da Informação e na Biblioteconomia, especialmente a brasileira. Com a justificativa que mesmo com uma área de maior presença feminina, a construção do conhecimento na Biblioteconomia tem mais visibilidade, maior destaque para as contribuições feitas por homens, relegando a presença de muitas pesquisadoras à invisibilidade.

Sobre o contexto que está inserido a mulher na biblioteconomia ainda é possível apontar o estudo dos autores Isadora Escalante, Patrícia Mallmann e Luciano Coutinho (2021) sobre estereótipos de gênero da bibliotecária brasileira. Estes autores trazem alguns estereótipos da literatura que tradicionalmente são associados às bibliotecárias, como "séria, madura, de coque, roupas fechadas, óculos, ranzinza e que dedica o tempo a guardar livros e confeccionar fichas catalográficas, sempre pedindo silêncio" (MORENO; BASTOS, 2013 apud

ESCALANTE, MALLMANN; COUTINHO, 2021). Os estereótipos também podem ser vistos por outro extremo, e ter novas formas de estereotipagem para a bibliotecária com "jovem, com roupas curtas, desinibida, hiperssexualizada, que atrai a atenção dos usuários" (ESCALANTE; PEREIRA; COUTINHO, 2017 apud ESCALANTE; MALLMANN; COUTINHO, 2021).

No seu trabalho os autores Escalante, Mallmann e Coutinho (2021) entrevistaram bibliotecárias-chefe sobre a presença de estereótipos e, mesmo que eles existam, a sua percepção por parte das entrevistadas não é clara. Escalante, Mallmann e Coutinho (2021) argumentam como não só os estereótipos são capazes de impactar na autoconfiança como profissionais, mas também o seu poder de influenciar na construção de uma imagem da profissional e da profissão.

Com o que foi exposto, é constatado que mesmo que as mulheres sejam a maioria na Biblioteconomia e tenham uma larga contribuição científica e profissional na área como mostrado por Romeiro e Silva (2019), o cenário profissional perpassando o pessoal da mulher na Biblioteconomia ainda é cercada de estereótipos, marginalização e a falta de reconhecimento apropriado tanto quanto o que é concedido a um homem na área. E, aliado com os estudos de Maria Ferreira (2003; 2019), ainda se pode apontar como uma profissão com maioria de mulheres, a área como um todo é afetada pelo reconhecimento social e salarial.

Ao pensar que a mulher lida com questões de gênero na esfera profissional e pessoal, a exemplo da mulher no âmbito da Biblioteconomia que enfrenta marginalizações e invisibilidades, que seu papel como profissional bibliotecária é marcado de conflitos de gênero sobre espaço de trabalho associado ao feminino, é possível concluir a importância das representações respeitadas nos Sistemas de Classificação, seu instrumento de trabalho fundamental para a organização do conhecimento. Que os estudos avancem e sejam revistos para garantir um cenário justo no ambiente profissional para a mulher desde de seu serviço basilar como também os usuários das instituições atendidas por suas atividades.

Milani e Guimarães (2014, p. 76) escrevem que a biblioteca é um "microcosmo com as mesmas cordialidades e tensões que ocorrem na sociedade". Ora, se a mulher em sociedade enfrenta situações de gênero, no espaço social e trabalhista apenas por ser mulher, e que a bibliotecária está presente em um cenário profissional como o descrito até aqui, com marginalizações e estereótipos, o ambiente da biblioteca não será livre de conflitos e seus instrumentos de uso também não. A biblioteca, seus instrumentos, os profissionais e os usuários de algum modo serão atingidos por tais conflitos.

Estes conflitos suscitam a pesquisa científica e embasam as discussões de gênero, oportunizando, como no caso do estudo de Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana (2018),

inferências mais objetivas sobre a representação da mulher nos Sistemas de Classificação. Dessa maneira, a preocupação em representar a mulher de forma respeitosa e justa nos Sistemas de Classificação não só se alinha com as reivindicações de movimentos feministas e de estudos sobre as mulheres, mas também com o compromisso dos profissionais da informação em organizar, representar e compartilhar a informação com sua comunidade de usuários.

Como o profissional da informação vai estar diretamente organizando e representando a informação para os usuários, os autores Guimarães e Pinho (2007) argumentam sobre a importância da ética para esse momento, pensando nos desvios para a recuperação e precisão de informação e que temáticas podem sofrer com interferências, tanto para o desenvolvimento da coleção, como também na representação. Guimarães e Pinho (2007) pontuam como a ética auxilia a não ter preconceitos para analisar e representar. As atitudes éticas e questionadoras ajudam a não manter os desvios, e os autores esclarecem que ao passar esses desvios, os usuários não se identificam com o sistema ou a sua representação. Ao refletir sobre isso com o foco para os objetivos deste trabalho, é importante assim, refletir e estudar sobre os desvios, preconceitos, os estereótipos que os Sistemas de Classificação podem estar repassando para os usuários sobre ao representar a mulher.

A atenção em representar a mulher de maneira respeitosa e ética pode ser vista ainda ao ponderar sobre a agenda 2030, elaborada em 2015 para o Desenvolvimento Sustentável. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU) são compostos de 17 objetivos globais como principais desafios que as pessoas sofrem para o seu desenvolvimento. As ações vão desde a erradicação da pobreza, a busca da paz social, ambiental e a educação (ONU, 2022). Dentre as ações para alcançar os objetivos da Agenda 2030, está o Objetivo 5: Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.

A primeira meta do Objetivo 5 (Figura 1) é “acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte” e quanto a segunda “Até 2030, empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra” (ONU, 2022). As bibliotecas e bibliotecários de todo o mundo fazem parte dessa iniciativa como dispositivos socioculturais a serviço de suas comunidades de usuários.

Figura 1 – Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável



Fonte: ONU, 2022.

Os bibliotecários e instituições estão discutindo maneiras de alcançar esses objetivos em seus contextos sociais, a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA), é a entidade principal em nível internacional para a promoção bibliotecas e seus usuários têm contribuído com ações promovendo a Agenda 2030. Como descrito por Sala, Araújo, Costa e Castro Filho (2020) a IFLA tem focado em como atingir essas ações sustentáveis, criando a Declaração de Lyon, que tem o objetivo de evidenciar o papel do acesso à informação para conseguir um desenvolvimento sustentável e a elaboração do guia com iniciativas para alcançar os objetivos em diferentes bibliotecas pelo o mundo. Na Declaração de Lyon, por exemplo, é encontrado como o direito à informação seria tão importante pois,

O acesso à informação apoia o desenvolvimento, capacitação das pessoas, especialmente dos marginalizados e os que vivem em situação de pobreza, para: a) exercer os seus direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais; b) Ser economicamente ativos, produtivos e inovadores; c) aprender e aplicar novas habilidades; d) Enriquecer sua identidade e expressões culturais; e) Tomar parte na tomada de decisões e participar de uma sociedade civil ativa e engajada; f) Criar soluções baseadas na comunidade para os desafios de desenvolvimento; g) Assegurar a prestação de contas, transparência, boa governança, participação e empoderamento; h) Medir o progresso dos compromissos públicos e privados de desenvolvimento sustentável (IFLA, 2014).

No Brasil os profissionais da informação também dão atenção aos objetivos globais, tendo, por exemplo, em 2017, o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD), que teve tema “Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas: como as bibliotecas podem contribuir com a efetivação da Agenda 2030” (SALA; ARAÚJO; COSTA; CASTRO FILHO, 2020), e com diferentes estudos ao longo dos anos como ações locais em diferentes partes do país que mostram como os bibliotecários estão se articulando para atingir os objetivos. A biblioteca e os bibliotecários têm um papel fundamental no desenvolvimento sociocultural e seu compromisso com os usuários, com iniciativas como a Agenda 2030, mostram o posicionamento para inclusão de temáticas sociais que abracem o respeito e a dignidade humana. A mulher necessitada de vivências em que não será discriminada por ser mulher, a biblioteca deve ser um local que a receba da melhor maneira, com isso seus instrumentos, como os Sistemas de Classificação não podem a associar com vieses negativos, com estereótipos que a desprestigie.

Para entender sobre os estereótipos é apresentado a seguir algumas definições que possam enriquecer o entendimento geral da problemática repassá-los para as pessoas, lembrando sempre que aqui é pensando na comunidade de usuários e profissionais que vão está sendo atendidos pelos Sistemas de Classificação. Segundo Baccega (1998) o estereótipo está ligado a juízos de valor preconcebidos, a aspectos valorativos e até a preconceitos oriundos do emocional. Ela argumenta que a experiência humana está sendo estabelecida em contato com poucos fatos, viver em determinado país, sua religião, família etc. Os preenchimentos de outros fatos ocorrem por meio de relatos, seja por conversas ou via meios de comunicação. Ela ainda lembra que esses relatos estão cheios de valores e estereótipos. E esses estereótipos podem ter seus aspectos negativos dissimulados.

O autor Stuart Hall (1997 *apud* CANDIDO; FERES JÚNIOR, 2019), escreve que os estereótipos são simplificações exageradas, que funcionam por quatro lógicas; a essencialização, reducionismo, naturalização das diferenças e oposições binárias. Assim, determinados grupos estariam sendo representados com o mínimo de sua essência, naturalizando sua diferença ao ponto de não precisar de argumentações, seria relegada a uma falsa representação pensada como “verdadeira” e “universal”. Tudo isso seria marcado por uma relação de poder, com oposições binárias, negros e brancos, mulheres e homens e outros exemplos.

Com os estereótipos, Hall (2016) esclarece que é possível pegar características limitadas, sejam elas simples, de fácil compreensão e reconhecimento, e reduzir uma pessoa a esse estereótipo que vai ser aumentado, exagerado e simplificado, mas também a

estereotipagem divide o que considera normal e aceitável e exclui o que é anormal e inaceitável, o diferente (HALL, 2016).

Na estereotipagem, então, estabelecemos uma conexão entre representação, diferença e poder. No entanto, é preciso sondar mais profundamente a natureza deste. Muitas vezes, pensamos no poder em termos de restrição ou coerção física direta, contudo, também falamos, por exemplo, do poder na representação; poder de marcar, atribuir e classificar; do poder simbólico; do poder da expulsão ritualizada. O poder, ao que parece, tem que ser entendido aqui não apenas em termos de exploração econômica e coerção física, mas também em termos simbólicos ou culturais mais amplos, incluindo o poder de representar alguém ou alguma coisa de certa maneira — dentro de um determinado “regime de representação” (HALL, 2016, p. 193).

Quando se conceitua e descreve os estereótipos na literatura, é possível notar que alguns autores preferem enfatizar ao unir com o termo “negativo”, estabelecendo assim, “estereótipo negativo”. Walter e Baptista (2007) descrevem que quando possui julgamento para um tema, pessoa, grupo ou a ações os estereótipos são frequentemente associados a um conceito negativo. É importante também pontuar que descrever estereótipos pode ser complexo, pois qual é o limite do que é considerado negativo ou ofensivo para um grupo pode não ser para outro, Walter e Baptista (2007) mesmo lembra que na literatura mesmo autores podem considerar que os estereótipos podem facilitar a comunicação e inserção das pessoas em seus grupos sociais.

Dessa maneira, é entendido para esse trabalho, com base nas definições dos autores citados, como estereótipos negativos vão estar imbuídos de valores de uma pessoa ou grupo, repassar uma visão preconcebida, preconceituosa de maneira dissimulada, vai ser uma representação falsa de alguém ou do seu grupo social que vai ser visto como “o outro” e ser excluído. Assim, é notório o poder que os estereótipos têm nas representações dos indivíduos, em transmitir uma visão que vai influenciar seu lugar e como pode ser visto para os demais em sociedade.

Os estereótipos, é claro, atingem a mulher. Nos estereótipos de gênero são destacados os conjuntos de crença estruturados do que são atributos adequados para mulheres e homens, observando não só características físicas e psicológicas, como também os comportamentos, atitudes, interesses, relações sociais, ocupações e profissões (D’AMORIM, 1997; OLIVEIRA; BOAS; HERAS, 2016).

O Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH)<sup>2</sup> pontua como os estereótipos de gênero são prejudiciais por perpetuar desigualdades, seja de maneira hostil ou que no primeiro momento parece benigna, como se referir a mulher atribuindo a generalizações, por exemplo, de caracterizar a mulher carinhosa (ACNUDH, 2022a). Outro exemplo, descrito pela ACNUDH (2022a), é como os estereótipos de gêneros podem ver a mulher sobre a visão de cuidadora e assim caber a ela a responsabilidade **exclusiva** sobre os filhos. Isso mostra como os estereótipos, por mais simples que pareçam, vão repassando visões que vão moldar como socialmente as pessoas vão viver.

Os estereótipos de gênero ainda podem ser combinados ou cruzados com outros estereótipos, o que acarreta um impacto negativo disforme, a depender em que grupo a mulher está relacionado como minorias, situação econômica, migrantes, mulheres com deficiências, indígenas, entre outros (ACNUDH, 2022a).

Dessa maneira, é possível refletir como os estereótipos negativos são um tipo prejudicial de representação, vai surgir em determinados meios e contextos, com seus próprios juízos de valor. Se os estereótipos podem passar despercebidos por sua característica de dissimulação, como apontou Baccega (1998), alinhar tudo isso aos Sistemas de Classificação que procuram ser universais em representar a informação, abre espaço para questionar essa universalidade e como as representações estão sendo realizados, questionamentos que devem fazer parte de uma conduta para melhor representar informações para a comunidade atendida, passando por atitudes que respeitem as questões socioculturais. Dessa forma, é utilizado os resultados de como a mulher é vista nas edições de 1995 e 2000 na CDU, com os achados de María Antonia Morán Suárez e Blanca Rodríguez-Bravo (2001) e Maria da Graça Simões, Blanca Rodríguez-Bravo e Olívia Pestana (2018) sobre a representação do conceito mulher na CDD e CDU.

Os estereótipos negativos que podem ser associados a mulher em diferentes contextos, como a visão do que a sociedade considera feminino, em como é retrato sua imagem em diferentes mídias, como nos filmes e na publicidade, em diversos meios a mulher pode se ver representada de forma desrespeitosa. Como o contexto aqui é a mulher nos Sistemas de Classificação Bibliográfica cabe à atenção para as representações e seus esquemas classificatórios. É atenção, pois, quando diz respeito a estereótipos que impõe o que é

---

<sup>2</sup> O Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) em atividade em mais de 60 países, integra o Secretariado das Nações Unidas e tem como papel promover e proteger todos os direitos humanos universais (ACNUDH, 2022b).

considerado uma mulher feminina, vai desde ocupar certas funções, como o de cuidadora, a maternidade e a subordinação à figura masculina (ROMEIRO; SILVA, 2019).

## 5 RESULTADOS: ESTEREÓTIPOS RELATIVOS À MULHER NA CDD E CDU

Nesta seção sobre estereótipos relativos à mulher nos Sistemas de Classificação da CDD e CDU são utilizadas como autoras seminais María Antonia Morán Suárez e Blanca Rodríguez-Bravo (2001), e também utilizando as autoras Maria da Graça Simões, novamente a Blanca Rodríguez-Bravo e Olívia Pestana (2018) para contribuir ainda mais resgatando seus resultados, fortalecendo a discussão. A escolha dessas autoras se dá pelo fato do que elas discutem sobre a representação da mulher se alinha com o propósito deste trabalho, seu tema central e pela relevância de seus artigos sobre a temática da mulher nos dois sistemas, pela sua especificidade, por estudar especificamente como está a mulher. Essa especificidade é tamanha que ao buscar por trabalhos com a temática mulher nos Sistemas de Classificação CDD e CDU é encontrado uma ausência de mais trabalhos. Dessa maneira, elas são utilizadas como autoras seminais para tratar dos Sistemas de Classificação Bibliográfica.

No decorrer da discussão desta seção, autores de outras áreas são utilizados, como da Sociologia, Antropologia e do audiovisual para agregar informações e permitir ter o entendimento maior de assuntos citados pelas autoras seminais e que enriquece também a temática sobre a mulher, por serem áreas que também abordam, por exemplo, os estereótipos, ou/e vão argumentar como tratar a mulher da melhor maneira. Dito isso, pode se iniciar assim pontuando contextos de criação e outros aspectos importantes sobre os Sistemas de Classificação Bibliográfica objeto deste trabalho.

Com todas as possibilidades de organizar o conhecimento, com o uso massificado do sistema pelas bibliotecas, é pertinente apontar como ao longo dos anos estudos foram realizados para discutir sobre como a CDD e CDU estão realmente organizando o conhecimento e seus impactos, como exemplo de uma via específica para a mulher, tem trabalhos de Suárez, Rodríguez-Bravo (2001) e Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana (2018). Os estudos referentes às problemáticas da utilização do sistema são necessários para aperfeiçoar as representações nos diferentes contextos da realidade.

No trabalho de Ribeiro, Decourt e Almeida (2017), sobre a representação do domínio "gênero" em linguagens documentárias, foram investigados 25 termos como 'teoria queer', 'identidade de gênero', 'transgêneros', 'mulher', 'homem', 'Drag Queen', entre outros, em três sistemas, um tesouro de estudos de gênero e da mulher, um descritor da área da saúde e a CDU. Como resultados, constataram como a temática envolvendo gênero está centrada em áreas da sociologia, médicas e do direito, que indica um viés antiquado e preconceituoso (RIBEIRO; DECOURT; ALMEIDA, 2017).

Neste mesmo estudo, ao pesquisar nas tabelas auxiliares, a CDU tem a presença de classificações para conceito “mulher” e “homem”, mas, aborda para assuntos relacionados à mulher com apenas duas opções de classificação, ao contrário de assuntos sobre o homem que têm mais aspectos a serem classificados (RIBEIRO; DECOURT; ALMEIDA, 2017).

Demonstrando assim analisar, se para o caso da CDU, é uma escolha dos mantenedores ter opções de conceito sobre "mulher" e "homem" apenas para o que julgam ser necessário nas tabelas principais e auxiliares que permitem ao profissional representar o assunto do documento de maneira satisfatória, estas não parecem ser opções que contenha uma equidade entre o conceito homem, mulher e não incluindo também as pessoas LGBTQIAPN+.

Pode-se perceber como é uma escolha dos mantenedores da CDU em entregar uma quantidade de possibilidades de classificação para a mulher e para o homem, ao resgatar a comparação entre as edições de 1995 para a de 2000 realizadas por Suárez e Rodríguez-Bravo (2001), que apontam como a presença feminina diminuiu, e indicando como um dos motivos para isso o uso do masculino como o universal, o genérico.

A CDD e CDU podem ser estudadas também com o foco nos seus criadores, como por exemplo, o artigo de Freitas e Moraes (2018) que escrevem sobre o impacto de Melvil Dewey no sistema de classificação criado por ele, quando Dewey realizou suas pesquisas para criar a CDD, tinha o objetivo de organizar o acervo bibliográfico. Contudo, para observar mais amplamente, é preciso destacar o contexto em que ele se encontrava. Dewey estava vivendo em uma cultura da expansão da indústria e uma cultura de progresso. Era uma sociedade que estava voltando seus pensamentos para questões de melhorar a eficiência, como pregava o Taylorismo. Dewey estava preocupado com a eficácia e os baixos custos, sua criação contribuiu para com a organização, mas a preocupação com a cultura não foi levada em conta (FREITAS; MORAES, 2018).

Isso é importante ressaltar, mesmo no contexto de origem de séculos atrás, com os Sistemas de Classificação Bibliográfica CDD e CDU, pois as consequências são repassadas ao longo do tempo, e mesmo que Dewey tenha tido sucesso em sua empreitada de uma organização para todas as bibliotecas, gerou como consequência uma valorização da técnica, na qual ele mesmo reduziu a visão da importância do papel do bibliotecário (FREITAS; MORAES, 2018), com base no que se acreditava na época. Esse modo de privilegiar a técnica e esquecer aspectos socioculturais durou por mais algum tempo, até ser deixado mais de lado e ficar centrado no usuário e no papel social das bibliotecas. Contudo, isso não quer dizer que problemas não existam, focar em estudos como se dá a organização do conhecimento em seu sistema de

classificação é ainda necessário, e assim podendo especificar como a mulher está inserida, sendo vista.

E neste contexto histórico da criação dos Sistemas de Classificação estudados aqui, a CDD e CDU correspondem também ao período de reivindicações por parte de feministas. Pois, se existia a expansão de uma indústria e cultura do progresso de um lado, o cenário para as mulheres também era de reivindicações por direitos nas últimas décadas do século XIX, que ficaria conhecido como a primeira onda do feminismo. As discussões, principalmente na Europa e Estados Unidos, eram pela busca por seus direitos, como o político, ao voto, contratuais, econômicos e questionando a divisão sexual entre mulheres e homens (FARIAS MONTEIRO; GRUBBA, 2017). Com o passar dos anos, os dois sistemas foram realizando atualizações para acompanhar o conhecimento e reivindicações sociais, o que não exclui de ainda manterem representações desrespeitosas, incluindo para as mulheres, já que socialmente esses conflitos ainda persistem.

Desse modo, é pertinente apontar e se aprofundar nos pontos fortes dos artigos de Suárez, Rodríguez-Bravo (2001) e Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana (2018) que focam sobre aspectos da mulher na contemporaneidade nesses Sistemas de Classificação, é possível exemplificar primeiramente com o trabalho das autoras Suárez e Rodríguez-Bravo (2001), que analisam como é a imagem da mulher na CDU. No artigo elaborado por elas, foram utilizadas as edições de 1995 e 2000 e como resultados encontrados, mesmo para edição mais atualizada para época, é destacado as poucas representações e sua inadequação (SUÁREZ; RODRÍGUEZ-BRAVO, 2001). O que as autoras abordam é como a CDU estava trazendo características apresentadas como “femininas” e não incluindo características globais para mulheres e homens, esquecendo aspectos de humanidade, o que contribui para invisibilizá-las. As autoras também argumentam que, com a tamanha importância desse sistema, é preciso ter o cuidado com a existência de estereótipos, não só de gênero como também muitos outros (SUÁREZ; RODRÍGUEZ-BRAVO, 2001).

Outro estudo mais recente é das autoras Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana (2018), que analisa o conceito de mulher na 22ª edição da CDD e na edição abreviada da CDU. Os resultados encontrados aqui também mostram que os sistemas estão ainda repassando desigualdades e anacronismos, que ainda é pequena a representação do conceito mulher, com depreciação, estereótipo e as inferiorizando perante a figura masculina (SIMÕES; RODRÍGUEZ-BRAVO; PESTANA, 2018). Isso mostra que apesar dos avanços e da diferença de tempo, ao analisar a CDD e a CDU ainda é encontrado problemáticas nas notações representativas para as mulheres. Um cenário que permeia a marginalização e os estereótipos.

Baseado nos resultados encontrados pelas autoras Suárez e Blanca Rodríguez-Bravo (2001) e Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana (2018), como mostrado nas figuras 2, 3, 4, 5 e 6, e nos seus argumentos presentes na discussão desta pesquisa, sobre as características, não só da estereotipagem, mas também da figura da mulher, é possível visualizar os estereótipos sobre a mulher nas notações classificatórias da CDD e CDU.

Figura 2 – Resultados encontrados por Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana sobre a representação do conceito mulher na CDU e CDD

		EXAUSTIVIDADE	ESPECIFICIDADE	TRANSCRIÇÃO PARA LINGUAGEM NATURAL	
<b>CDD</b>	<b>Classes principais</b>	0	070.483	Imprensa feminina	
		1	155.633	Psicologia de adultos (mulher)	
		2	255.9	Congregações e ordens católicas femininas	
			305.4	Homens e mulheres – género (Mulher)	
			331.4	Mão de obra feminina	
		3	355-348	Vida militar (serviço feminino)	
			362.83	Assistência social (Mulher)	
			371.822	Estudantes (Mulher)	
			391.2	Costume e aparência pessoal (costumes femininos)	
		6	618.1/.8	Ginecologia e obstetrícia	
	7	704.042	Belas-artes e artes decorativas - segundo o sexo (Mulher)		
	9	920.72	Biografia (Mulher célebre)		
	Soma	7	12		
	<b>Auxiliares</b>	-082		Mulher	
<b>CDU</b>	<b>Classes principais</b>	1	141.72	Feminismo	
		6	614.253-5	Enfermeiros. Pessoal auxiliar. Parteiras	
			618.1	Ginecologia. Doenças da mulher	
		7	791-52	Heroínas	
			791-55	Mulheres vilãs	
		791-56	Mulheres fatais		
		Soma	3	6	
		<b>Auxiliares</b>	-055.2		Pessoas do sexo feminino. Mulheres
		-055.25		Meninas	
		-055.26		Mulheres grávidas	

Fonte: Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana (2018)

Na figura 2 que se trata dos resultados de Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana (2018), pode-se destacar notações para edição da CDD utilizada por elas, a Guide de la classification décimale de Dewey: tables abrégées e a 22ª edição integral na língua inglesa, que privilegiam aspectos considerados pelas autoras que são depreciativas, como no caso em 391.2 para costume e aparência pessoal e 704.042 belas-artes e artes decorativas para foco na mulher. E para a CDU, com a La Clasificación Decimal Universal (CDU), edição abreviada, aparecem casos que consideram com um viés de ocupações tradicionalmente exercida pela mulher e pela

condição biológica do que é entendido por "mulher", como no caso em 61: 614.253.5 para assuntos sobre enfermeiros, pessoal auxiliar e parteiras e 618.1 para ginecologia e doenças da mulher. Estes resultados podem ser relacionados neste trabalho como caso de estereótipos que associa a mulher, por exemplo, pela aparência e de uma maneira que reforça certas ocupações e a maternidade para a mulher.

Como as autoras argumentam também, o conceito ‘mulher’ é reduzido nos dois Sistemas de Classificação, inferiorizando-as e contendo depreciações e estereótipos. Essa argumentação também pode ser entendida através dos resultados da pesquisa de Suárez e Rodríguez-Bravo (2001), que já destacavam no início dos anos 2000 como na CDU a presença da mulher se mostra ausente e de maneira, por vezes, inadequada, inferiorizando-a perante o que se conceitua como ‘homem’, influenciando os estereótipos identificados. Alguns dos resultados destas autoras podem ser vistos nas figuras 3, 4, 5 e 6 a seguir.

Figura 3 – Resultados encontrados por Suárez e Rodríguez-Bravo nas edições de 1995 e 2000 da CDU parte 1

<b>I. TABLAS PRINCIPALES con nombre de mujer</b>	
<i>EDICION DE 95</i>	<i>EDICION DE 2000</i>
396 Feminismo, situación de la mujer <sup>2</sup>	----- <sup>3</sup>
396.1 Emancipación. Igualdad	141.72 Feminismo <sup>4</sup>
396.2 La mujer y el derecho	
396.4 Educación de la mujer	
396.5 Trabajo de las mujeres. Mujeres trabajadoras	
396.6 Situación de la mujer en la familia. Mujer y hogar	
396.9 La mujer y la política	
343.914 Mujeres Delincuentes. Delincuencia Femenina	----- <sup>5</sup>
347.156 Sexo. Condición de la Mujer <sup>6</sup>	347.156 Género.
347.625 Efectos del matrimonio sobre los contrayentes, sobre las esposas. Derechos y deberes de las esposas <sup>7</sup>	347.625 Efectos del matrimonio sobre los contrayentes, sobre los esposos. Derechos y deberes de los cónyuges
81'276.3-055.2 Lenguaje Femenino	81'276.3-053.2 Habla de los niños y habla de las madres o niñas a los bebés, balbuceo. 81'276.3-055.1 Lenguaje Masculino 81'276.3-055.2 Lenguaje Femenino

Fonte: Suárez e Rodríguez-Bravo (2001).

Alguns dos resultados encontrados pelas autoras, que primeiramente seria analisada a edição de 1995, mas com o lançamento da edição 2000, no processo de sua pesquisa, optaram por comparar essas duas edições precisam destacados. Na figura 3, por exemplo, com o caso da notação 81'276.3-053.2 para fala sobre as crianças e fala de mães ou babás para bebês da edição 2000 da CDU, que não inclui nenhuma figura masculina e 81'276.3-055.2 que separa o que

seria uma linguagem masculina diferente da feminina, deixando a mulher no local de “outro” comparado ao homem.

Figura 4 – Resultados encontrados por Suárez e Rodríguez-Bravo nas edições de 1995 e 2000 da CDU parte 2

<b>III. Tablas principales. La experiencia femenina<sup>8</sup></b>	
<i>Edición 95</i>	<i>Edición de 2000</i>
647.21 Personal de supervisión. Amas de llaves. Gobernantas. Receptionistas	647.21 Personal de supervisión. Amas de llaves. Gobernantas. Receptionistas
647.25 Personal de servicio doméstico	647.25 Personal de servicio doméstico
647.251 Mayordomos. Maitres	647.251 Mayordomos. Maitres
647.252 Personal de cocina	647.252 Personal de cocina. Cocineros
647.255 Au pairs	647.255 Au pairs
647.258 Personal para el cuidado de niños o inválidos	647.258 Personal para el cuidado de niños o inválidos. Niñeras. Nodrizas

Fonte: Suárez e Rodríguez-Bravo (2001).

Assim, como os resultados encontrados por Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana (2018), a comparação entre as edições da CDU realizada por Suárez e Rodríguez-Bravo (2001), é utilizada aqui aqueles resultados que de acordo com a discussão dessa pesquisa se mostram como casos de estereotipagem. É possível visualizar associações para o foco em trabalho de maternidade e ocupação, em notações como 647.21 para as pessoas que supervisionam, governantas e recepcionistas e também em 647.258 para assuntos de equipes de atendimento, mas que inclui ocupações obsoletas, no caso para amas de leite (ou *nodrizas* no espanhol).

Figura 5 – Resultados encontrados por Suárez e Rodríguez-Bravo nas edições de 1995 e 2000 da CDU parte 3

<b>IV. Tabla de números auxiliares comunes de personas.</b>	
<i>Edición del 95</i>	<i>Edición de 2000</i>
-055.1 Hombres	-055.1 Sexo masculino. Varones
-055.2 Mujeres	-055.2 Sexo femenino. Mujeres
-055.26 Mujeres embarazadas	-055.26 Mujeres embarazadas. Mujeres lactantes
-055.3 Personas de sexo dudoso, ambivalente o con otras características especiales. Homosexuales. Bisexuales. Lesbianas. Comportamientos sexuales especiales. Perversos sexuales. Sádicos. Masoquistas	-055.3 Personas de sexo dudoso, ambivalente o con otras características sexuales, psicosexuales o sociosexuales especiales. Homosexuales. Bisexuales. Lesbianas. Transexuales. Perversos sexuales. Sádicos. Masoquistas
-055.62 Hijos	-055.62 Hijos
-055.62-055.1 Hijos <sup>9</sup> (varones)	-055.62-055.1 Hijos <sup>10</sup> (varones)
-055.62-055.2 Hijas	-055.62-055.2 Hijas
-057.65-055.2 Amas de casa	-057.65-055.2 Amas de casa
-058.68 Víctimas de malos tratos, abandonadas	-058.68 Víctimas de malos tratos, de la soledad, abandonados

Fonte: Suárez e Rodríguez-Bravo (2001).

A edição da CDU também contém estereótipos e classificações desrespeitosas para pessoas LGBTQIAPN+, por tratar como na classificação -055.3 por sexo duvidoso e associado a perversão, caso que acontece nas duas edições pesquisa pelas autoras, nas edições de 1995 e 2000. Com a leitura dos trabalhos das autoras seminais, com seus apontamentos sobre seus resultados, também encontraram-se casos de notações para a mulher, mas que não existem para representar o homem, como no caso da classificação 051.055.2 para revistas femininas que não tem uma mesma opção que incluía a figura do homem, o que pode ser visto na figura 6 a seguir. No caso também 81'276.3-053.2 para a fala de bebês da figura 3, que vai ser discutido melhor adiante, que só inclui presenças femininas, o que permite indagar a falta de equidade das representações. Assim, infere-se como a mulher é visualizada como argumenta Hall (2016), como o anormal, o diferente do conceito de homem e termos masculinos usados como universais. A mulher acaba por ficar no lugar do “o outro”, comparada à figura do homem.

Figura 6 – Resultados encontrados por Suárez e Rodríguez-Bravo nas edições de 1995 e 2000 da CDU parte 4

<b>VI. Tablas auxiliares de forma</b>	
<i>Edición del 1995</i>	<i>Edición de 2000</i>
(0.055.2) Documentos para mujeres	(0.055.2) Documentos para mujeres
(051.055.2) Revistas femininas	(051.055.2) Revistas femininas

Fonte: Suárez e Rodríguez-Bravo (2001).

Dentre os resultados demonstrados pelas autoras, que, como já citados, mostram ser redutores e com a presença de estereótipos, podem ser visualizados na presente pesquisa, um maior detalhamento sobre estes, como ilustrados nos quadros 9 e 10 adiante. Nos exemplos apontados aqui, como estereótipos, alguns se classificam a partir da distinção da mulher do homem, em que a figura do homem é estabelecida como normal, e a figura da mulher, uma exceção. Isso se dá visto a ausência de notações comparáveis, que atribuam para ambos o mesmo significado. Os resultados mostram como a CDU também é marcada por notações ofensivas e desrespeitosas para pessoas LGBTQIAPN+, sendo, deste modo, possível imaginar como mulheres bissexuais, lésbicas e transexuais podem não se sentir representadas e, deste modo, desrespeitadas nesta classificação, como pode ser visto na figura 5 e no quadro 10. Assim, refletindo como a figura do homem é usada de maneira a considerar o universal, e mulheres, seja ela, homossexual ou não, inserida como o “outro”.

Quadro 10 – Relações dos estereótipos sobre a mulher com os resultados de Suárez e Rodríguez-Bravo (2001) nas edições de 1995 e 2000 em espanhol da CDU

Notações	Estereótipos
343.914 Mulheres delinquentes. Delinquência feminina (edição 1995)	Mulheres como o outro, o ser diferente do homem, que tido como é o normal
81'276.3-053.2 Fala sobre as crianças e fala de mães ou babás para bebês, balbuciam (edição 2000)	Cuidadora e da maternidade
81'276.3-055.1 Linguagem masculina (edição 2000)	Mulheres como o outro, o ser diferente do homem
81'276.3-055.2 Linguagem feminina (edição 2000)	
647.21 Pessoal de supervisão. Ama de chaves. Governantas. Recepcionistas (edição 2000)	Cuidadora
647.258 Equipe de atendimento de crianças ou inválidos. Babás. Amas de leite (edição 2000)	
-055.3 Pessoas de sexo duvidoso, ambivalente ou com outras características sexuais, psicosssexuais ou sociossexuais especiais. Homossexuais. Bissexuais. Lésbicas. Transexuais. Pervertidos sexuais. Sádicos. Masoquistas (edição 2000)	Mulheres como o outro, o ser diferente do homem cis, hetero. Além de ofensivo, desrespeitoso.
(051.055.2) Revistas femininas (edição 2000)	Mulheres como o outro, o ser diferente do homem, como o normal

Fonte: Elaboração própria com base em Suárez e Rodríguez-Bravo (2001).

Nos resultados de Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana (2018), os estereótipos sobre a mulher também podem ser apontados a partir dessa ausência de equidade, tal como ao tratar de aspectos relacionados à maternidade e da relação da figura feminina a uma posição de responsabilidade e cuidados com as pessoas em geral, tomando, em outro caminho, uma visibilidade à imagem da mulher caracterizada como sedutora, dentro de estereotipagem advinda das produções de filmes e séries, como pode ser visto no quadro 11 a seguir.

Quadro 11 – Relações dos estereótipos sobre a mulher com os resultados de Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana (2018) da CDD e CDU

Notações	Estereótipos
391.2 Costume e aparência pessoal (costumes femininos)	Mulheres como “o outro”, o ser diferente do homem como o normal. Questão sobre aparência.
704.042 Belas-artes e artes decorativas - segundo o sexo (Mulher)	
614.253.5 Enfermeiros. Pessoal auxiliar. Parteiras	Cuidadora e da maternidade.
618.1 Ginecologia. Doenças da mulher	Desalmadas. Sedutoras. Mulheres como o outro, o ser diferente do homem cis, hetero, como o normal.
791-56 Mulheres fatais	

Fonte: Elaboração própria com base em Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana (2018).

Com as relações dos estereótipos indicados nos quadros 10 e 11, também podem ser relacionados com os pensamentos de autores como Sandra de Souza Machado (2017), que exemplifica alguns casos de estereotipagem nas mídias, discute sobre estereótipos negativos de gênero no audiovisual, podendo citar alguns como bruxas, desalmadas, prostitutas, desviadas, *femme fatales* (mulheres fatais), santas cuidadoras e procriadoras, ou mesmo as funções profissionais, ou como estudante, que pode exercer. E de Romeiro e Silva (2019) que, ao tratar sobre o protagonismo de mulheres na biblioteconomia, também cita estereótipos comumente associados á mulher, como por ocupar funções ditas femininas, cuidadora, maternidade e subserviência ao homem.

Dando atenção para os estereótipos listados no quadro 10, é possível destacar que, mesmo nos exemplos que parecem reduzir a mulher à uma ocupação, como o auxílio das reflexões das autoras citadas, é aceitável incluir, também, como esses estereótipos se encaixam em categorias de ocupações ditas femininas, centrada no cuidado e na maternidade. Isso pode ser visualizado no detalhamento dos exemplos citados por Suárez e Rodríguez-Bravo (2001), 81'276.3-053.2 que corresponde a fala sobre as crianças e fala de mães ou babás para bebês, balbuciam da edição 2000; em 647.21 para o pessoas que supervisionam como governanta e recepcionistas e na notação 647.258 para assuntos de equipes de atendimento de crianças ou inválidos, mas, como argumentado pelas autoras, utilizam de ocupações obsoletas como amas de leite (*nodrizas* no espanhol), todas essas notações da edição de 2000. No trabalho de Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana (2018) também para a CDU é possível destacar a notação 614.253.5 para enfermeiros e pessoal auxiliar e parteiras e 618.1 que representa ginecologia e doenças da mulher.

Esses exemplos mostram como, dentre o universo que se pode representar a mulher, quando se foca em ocupações como o cenário maternal e de cuidado se mostra presente. Outro ponto interessante que colabora para indicar como se reduz a mulher, e encaixá-la ligado a assuntos de maternidade, pode acarretar em situações estereotipadas como a notação 81'276.3-053.2 falas sobre as crianças e fala de mães ou babás para bebês, balbuciam da edição 2000.

Suárez e Rodríguez-Bravo (2001) escrevem como esse exemplo destaca a fala das crianças para mães e babás, mas não inclui nenhum parente do gênero masculino, excluindo-os. O que acontece aqui é o reforço de um estereótipo de gênero como o apontado pela ACNUDH (2022a), de perceber a mulher com a visão que incumbe a ela ser a cuidadora e que os filhos ficam apenas sob sua responsabilidade exclusiva. O que também é apontado no relatório da Meia cinco dez Consultoria com o Report Mães Reais (2020) sobre os estereótipos em relação à maternidade.

Figura 7 – Três estereótipos sobre a maternidade



Fonte: REPORT MÃES REAIS, 2020.

O relatório da Meia cinco dez consultorias (REPORT MÃES REAIS, 2020), a agência de consultoria, com o tema *Mães Reais: um Retrato Da Maternidade no Brasil*, que tem como objetivo um olhar sobre como está a maternidade e como ficar atento sobre os estereótipos sobre as mães na comunicação<sup>3</sup>, que pode ser visto nas figuras 7 e 8. Os dados e as análises colhidas pela agência mostram como a maternidade no país é regada de situações, como o pressionar as não mães por sua escolha, a maternidade compulsória, como o fato de adiar a gravidez ser uma questão também de classe, e as vulnerabilidades entorno da maternidade, não é apenas uma desigualdade de classe, mas também por seu gênero e raça.

<sup>3</sup> Os estereótipos sobre a maternidade destacados pela Meia cinco dez consultorias com o Report mães reais (2020) são; A maternidade como sonho de toda mulher (1); A mulher que só está completa após ser mãe (2); Romantização da gravidez (3); A gravidez como único caminho para a maternidade (4); A mulher como única responsável pelos filhos (5); Mãe perfeita, que nunca erra (6); Mãe sempre feliz (7).

Figura 8 – Dois estereótipos sobre a maternidade



Fonte: REPORT MÃES REAIS, 2020.

Desses exemplos, é possível destacar como a tradução para o português e/ou para o espanhol tem influência na designação de profissões para um gênero específico. Já no inglês, em outro aspecto, as profissões, em uma perspectiva gramatical, não possuem gênero, o que reforça que situações de conflitos relacionadas à estereótipos possam assumir, também, uma relação de nível terminológico nas classificações. Estas questões podem mudar a depender do contexto, sendo necessária atenção para que interfiram de forma menos danosa às práticas diversas no uso das classificações.

Se por um lado a mulher pode ser vista com um olhar para o maternal e de cuidados, existe uma dualidade em representá-la para o perigo de sua sexualidade. Também pode ser vista por outros conjuntos de estereótipos, como escreve Machado (2017), de bruxas à *femme fatales*. Não é novidade, mas é sempre importante ressaltar como a mídia influencia na percepção de mundo e sobre as pessoas, e como tem repassando estereótipos negativos sobre diversos grupos sociais. Simões, Rodríguez-Bravo e Pestana (2018) encontra o estereótipo da *femme fatale* na CDU na notação 791-56 para indicar mulheres fatais

A teórica Elizabeth Ann Kaplan, uma das fundadoras de estudos críticos feministas para cinematografia, descreve como a mulher *femme fatale* é usada para representar uma pessoa maligna, que busca manipular os homens e que necessita de alguma forma ser destruída por isso (KAPLAN, 1995). Essa representação estereotipada surge em um contexto em que a mulher

busca a liberdade de sua sexualidade, e essa foi uma resposta de pensamentos patriarcais, representando assim a mulher como perigosa.

Figura 9 – Rita Hayworth interpretando uma *femme fatale* no filme Gilda (1946)



Fonte: (RITA, 2014).

Piscitelli (2009) descreve nos estudos de gênero, que traços e qualidades podem ser atribuídos socialmente à mulher e considerados “naturais”, como atividades fundamentais a maternidade, espaço doméstico e familiar. Ou, por outro lado, a mulher passa a ser vista como ameaça por sua sexualidade. Com base no que os autores citados argumentam neste trabalho, é possível perceber como a explicação de Piscitelli (2009) da Antropologia pode ser vista também pelo viés dos estereótipos que acomete a mulher em diferentes contextos. Visto que, é exatamente tais situações de estereotipagem, da maternidade ou seu extremo de perceber a mulher como perigosa, que acaba de fato a refletir na sua vida em sociedade.

Ao analisar a representação da mulher nos Sistemas de Classificação Bibliográfica, CDD e CDU utilizando dos resultados das autoras María Antonia Morán Suárez, Blanca Rodríguez-Bravo, Maria da Graça Simões e Olívia Pestana, aderindo sobre a estereotipagem da mulher, é perceptível como é um contexto amplo, e pode ser estudado de diversas formas por diferentes áreas. O que contribui para analisar esse conhecimento é utilizá-lo da melhor forma para questionar e reivindicar representações justas e que englobe mais nuances que a mulher tem como ser.

E, retomando o que Milani e Guimarães (2014) apontaram como na biblioteca vai existir as mesmas cordialidades e tensões da sociedade, os estereótipos sobre a mulher alcançam a biblioteca, o que é preciso cuidado porque pode ser, da maneira sutil, dissimulada como escreveu Maria Aparecida Baccega (1998). Os estereótipos são estudados, e devem ser estudados, porque são pautas reais, são contemporâneos, é preciso reforçar que os estereótipos

estão acontecendo e suas consequências são reais, assim como foi mostrado pelo relatório *Mães Reais: um Retrato Da Maternidade no Brasil*.

Outro dado importante lembrado no projeto é que existem ao menos 5,5 milhões de brasileiros sem o nome do seu pai na certidão de nascimento (CNJ<sup>4</sup>, 2012 *apud* REPORT MÃES REAIS, 2020). Se socialmente se tem uma visão que a mulher é cuidadora por natureza e exclusividade dos filhos recai a ela, esses dados mostram como, por consequência, a facilidade que a figura masculina ao ser pai tem em se ausentar. Os estereótipos sobre a mulher, por exemplo, a maternidade, têm repercussões reais em reforçar ideias e comportamentos que vão prejudicar não só a mulher, como também deixar sua marca em todos os indivíduos na sociedade.

Dessa forma, cabe às bibliotecas, seus profissionais, se atentarem a não repassar estereótipos também, principalmente pelo seu papel de destaque como dispositivo social. É possível refletir que uma biblioteca e demais unidades de informação, com seu instrumento, como os Sistemas de Classificação Bibliográficas, reproduzindo estereótipos negativos, é de um peso enorme por sua função de disseminar o conhecimento. Vilela, Leopoldo e Chierighini (2018) apontam como o papel da biblioteca transferir a informação para os seus usuários e tem ainda como função social não só a preocupação em atender os usuários quanto às suas necessidades ao facilitar o seu acesso às informações, como também, a atenção para a convivência e aprendizado.

Com isso, é possível perceber as situações que possam comprometer essa boa convivência e aprendizado, os estudos de outras áreas podem contribuir para a percepção de conflitos, como estereótipos sobre a mulher. Machado (2017) pontua como os meios de comunicação de massa através de representações ruins, omissões e estereótipos de gênero estimula e perpetua papéis sociais ultrapassados, machistas e misóginos, o que acaba por normalizar violências, sejam elas simbólicas e/ou físicas. A biblioteca, os profissionais e seus instrumentos podem de alguma maneira cair na armadilha da sutileza dos estereótipos e ter comportamento similar e perpetuá-los.

Portanto, não é possível ignorar como os estereótipos negativos de gênero e de feminilidade sobre a mulher que estão sendo reproduzidos na sociedade não só em ambientes familiares, trabalho, estudos, como também nas mídias, como em filmes, livros, publicidade e chegam até as bibliotecas e seus instrumentos. Esses não estão livres de repassar os estereótipos

---

<sup>4</sup> Conselho Nacional de Justiça

mesmo que não seja esse o intuito, mas cabe a todos que procuram formas classificar, representar os indivíduos, fazer de forma respeitosa.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa buscou-se como objetivo geral analisar sobre a presença de estereótipos nos Sistemas de Classificação Bibliográfica, a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU), sobre a mulher. Esses instrumentos são usados pelos bibliotecários ao analisar os documentos e determinar sua classificação em diversos países, representando seus assuntos. Visto isso, nenhum instrumento está isento de repassar problemas, como estereótipos negativos sobre pessoas e grupos, neste caso, com o foco na representação da mulher. No decorrer da pesquisa, como objetivos específicos foram apresentados aspectos fundamentais dos dois Sistemas de Classificação e assim também se seguiu com uma discussão sobre a representação da mulher e investigou-se a existência de estereótipos ao seu respeito, contextualizando esses mesmos estereótipos com as representações da sociedade.

Para contribuir com a discussão utilizou-se como autoras seminais María Antonia Morán Suárez, Blanca Rodríguez-Bravo (2001) e Maria da Graça Simões, Blanca Rodríguez-Bravo e Olívia Pestana (2018) pela relevância de resultados específicos sobre a mulher na CDU e CDD, se alinhando com a proposta deste trabalho. Com base nisso, foram encontrados como resultado da representação da mulher a presença de estereótipos sobre a percepção como cuidadora e ligados à maternidade, como podem ser perigosas advindo do audiovisual e a mulher como “o outro”, diferente do homem.

O importante desta discussão com a pesquisa, também inclui evidenciar como os estereótipos podem ser negativos ao trazer crenças preconceituosas e ofensivas, que podem deixar o indivíduo centro da estereotipagem em um lugar de exclusão e demarcando-o como o outro, ampliando características de forma tão fora de proporção que é usado contra a pessoa. E abordando para a mulher, foco deste trabalho, os estereótipos não ficam apenas nos estudos, têm consequências reais que a deixam em situações desfavoráveis, como desigualdades, violências.

Ao longo da pesquisa dificuldades foram encontradas no desenvolvimento para encontrar artigos específicos sobre a mulher nos Sistemas de Classificação CDD e CDU, para estudos sobre gênero para os sistemas de organização do conhecimento existem mais trabalhos, contudo, como os estudos de gênero podem ser estudados com diferentes focos e grupos, era buscado para os objetivos desta discussão ser mais específico para a mulher nos dois sistemas de classificação bibliográfica.

Os pontos positivos para essa pesquisa residem no foco sobre como os estereótipos sobre a mulher chegam nos Sistemas de Classificação, não só percebendo como a estereotipagem tem muito a contribuir para entender como algumas representações podem ser desrespeitosas, ofensivas e com consequências. Que as bibliotecas e os bibliotecários que ali exercem funções que classificam os documentos devem contribuir ao ser mais um espaço que estereotipa a mulher.

Como resultado foi constatado no processo desta pesquisa, que é possível indicar que a representação da mulher na CDD e CDU, com base nos artigos das autoras seminais utilizadas e nas discussões de outros autores citados, é complexa e carregadas de sutilezas sobre a presença de estereótipos. Mesmo que os estereótipos identificados com o auxílio de definições sobre a estereotipagem, a exemplo de Baccega (1998), Hall (2016), Romeiro e Silva (2019), não representam a totalidade dos resultados, como pode ser observado nas figuras 2, 3, 4, 5 e 6, comparando-as com os quadros 10 e 11, das relações dos estereótipos encontrados. Isto denota que a representação da mulher é pequena nos dois sistemas de classificação.

Contudo, se a representação se mostra pequena, fato esse trazido pelas autoras seminais nos seus resultados e citado aqui para o enriquecimento da discussão, pode-se perceber, ainda, que dentro deste número há uma quantidade considerável de notações, que se mostram imbuída de estereótipos negativos sobre a mulher, conforme pode ser visualizado nos quadros 10 e 11. Isto posto, torna-se evidente o impacto negativo que estas notações ocasionam nas classificações realizadas em infindos acervos que usam estes sistemas.

Pôde-se constatar, ainda, que a mulher tem um número pequeno de conceitos que representam sua vida como indivíduo, e muitos deles estão associados aos estereótipos aqui discutidos, não contribuindo para um cenário respeitoso e ético nas atividades bibliotecárias.

É importante, também, ponderar que durante o desenvolvimento desta pesquisa, ao discorrer sobre as problemáticas que os estereótipos causam nas práticas de classificação em bibliotecas, como ao promoverem representações desalinhadas às pautas sociais contemporâneas, torna-se evidente a importância dos estudos interdisciplinares, que agreguem às discussões de gênero na Biblioteconomia novas possibilidades de aprimoramento dos sistemas de classificação. Como exemplo desta necessidade, esta pesquisa, ao recorrer à literatura da área de Comunicação Social, amplia o espectro de discussão agregando não somente à Biblioteconomia, mas à Ciência da Informação também.

Ainda observando a interdisciplinaridade, o diálogo com áreas como a Antropologia, a comunicação, a Sociologia e também a publicidade foram importantes para entender como os estereótipos negativos sobre a mulher proporcionam, a partir de sua identificação, caminhos

para aprimoramento das práticas de organização e gestão de acervos em bibliotecas, seus instrumentos e seu quadro de funcionários e/ou agentes, sejam os profissionais e o seu público/usuário. Além disso, foi esse resgate de informações de outras áreas que possibilitou compreender que os estereótipos negativos têm repercussões reais ao viabilizar cenários de desigualdades para a mulher.

Visualizou-se, ainda, que os estereótipos negativos encontrados nos Sistemas de Classificação Bibliográfica, estão focados em aspectos de maternidade, de perceber a mulher como “o outro”, entretanto com um sentido que infere desigualdade, o “não normal” e até para questões ofensivas sobre sua orientação sexual e identidade de gênero. A questão da maternidade, por exemplo, faz parte da vida de muitas mulheres, no entanto, o ponto crucial a ser discutido é quando esta característica é colocada de modo a tornar redutora das capacidades e é inibidora da sua participação e atuação como indivíduo na sociedade. Isto reforça que os estereótipos vão, por consequência, na realidade, prejudicar sua experiência de vida, como pode ser visto sobre o estereótipo em que os filhos ficam sob os cuidados exclusivos da mãe, normalizando a ausência paterna e de outras presenças masculinas importantes para as crianças. Os sistemas de classificação reforçam esse cenário ao repassar estes estereótipos.

Outro ponto dos resultados é que mesmo se tratando de estereótipos do audiovisual e da literatura, como no exemplo da *femme fatale*, ao descobrir mais sobre esse estereótipo, é notável sua natureza depreciativa para a mulher, a marcando como perigosa e assim sendo "justificável" qualquer ato de violência que aconteça com ela nas histórias. Mas a CDU, já com sua reduzida representação sobre a mulher, privilegia dar espaço para um estereótipo depreciador em detrimento a um universo de possibilidades melhores e mais respeitadas de representação, o que nos faz refletir, também, sobre o poder e a responsabilidade que estas classificações possuem de intervir positiva ou negativamente em como a sociedade vê e trata as mulheres.

Pode-se considerar lamentável que estas representações estejam nas edições físicas e virtuais da CDD e da CDU. É imprescindível que suas instituições mantenedoras procurem atualizar-se e melhorar estas classificações, atualizando em novas edições os aspectos negativos pautados nesta discussão uma vez que bibliotecas as disponibilizam para consulta ao público e para a classificação dos livros por bibliotecários, e sendo usadas por estudantes e professores para ensino nos cursos de Biblioteconomia.

Por isso, ter pesquisas que se aprofundam sobre os estereótipos, nesse caso sobre a mulher, permite-se entender quais aspectos são negativos, o porquê e suas consequências para

as pessoas pertencentes a estes grupos, bem como a sociedade como um todo. Destrinchar os estereótipos para a representação da mulher permite uma maior clareza dos motivos para evitar classificações que podem passar despercebidas no momento da análise e da classificação dos documentos. Contribuindo, com representações mais justas e respeitadas.

Os estudos podem continuar ao abordar focando na presença de estereótipos sobre a mulher cisgênera ou transgênera ou outros grupos nas versões online da CDD e CDU, ou até outros instrumentos do SOC, aqui não é sobre apenas estudar como a sua representação, mas estender esse olhar incluindo possíveis cenários de estereotipagem. Atenção para os estereótipos contribui para que, de uma maneira singular, dê visibilidade para problemáticas nos Sistemas de Classificação ou outro cenários da biblioteca.

Portanto, a importância se dá também em contribuir com a visibilidade de questões sobre a mulher, para que estereótipos negativos não sejam alcançados de forma tão ofensivas na biblioteca, para que esse seja um ambiente seguro, de estudo, conhecimento, informacional e de lazer. Que sejam lugares agradáveis para meninas e mulheres, que possam ser vistas para muito além de aspectos restritos e estereotipados, mas sim com respeito, tratando-as por ser pessoas.

## REFERÊNCIAS

- AGANETTE, Elisângela; ALVARENGA, Lídia; SOUZA, Renato Rocha. Elementos constitutivos do conceito de Taxonomia. **Informação & Sociedade: Estudos**, [S. l.], v. 20, n. 3, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/3994>. Acesso em: 21 maio. 2022.
- ANDRADE, Maria Margarida de. Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- BACCEGA, Maria Aparecida. O estereótipo e as diversidades. **Comunicação & Educação**, [s. l.], n. 13, p. 7-14, dez. 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36820>. Acesso em: 9 set. 2021.
- BARBOSA, Alice Príncipe. **Teoria e prática dos Sistemas de Classificação Bibliográfica**. Rio de Janeiro: IBICT, 1969. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/handle/1/1001>. Acesso em: 3 set. 2021.
- BARITÉ, Mario. La garantía cultural como justificación en sistemas de organización del conocimiento: aproximación crítica. **Palabra clave**, Ensenada, v. 1, n. 1, p. 02-11, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1853-99122011000200002&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-99122011000200002&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 5 maio 2022.
- CANDIDO, Marcia Rangel; FERES JÚNIOR, João. Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/5zzSXRTXZgsN8CMcYjhYQvg/?lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2021.
- CARLAN, Eliana; MEDEIROS, Marisa Brascher Basílio. Sistemas de Organização do Conhecimento na visão da Ciência da Informação. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 53–73, 2012. DOI: 10.26512/rici.v4.n2.2011.1675. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/1675>. Acesso em: 2 maio. 2022.
- CARTONI, Daniela Maria. Ciência e conhecimento. **Anhanguera Educacional: Anuário da Produção Acadêmica**, São Paulo, v. 3, n. 5, 2009. Disponível em: <https://repositorio.pgsskroton.com//handle/123456789/1344>. Acesso em: 7 jul. 2022.
- CASARIN, Helen Castro Silva; FERREIRA, Thaís Guedes; MILANI, Suellen Oliveira. **As crianças como comunidades de usuários e os sistemas de organização do conhecimento: uma análise da literatura.**, p. 361-367, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/122146>. Acesso em: 5 maio 2022.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. A questão do gênero. In: CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero uma perspectiva global: compreendendo o gênero da esfera pessoal à política no mundo contemporâneo**. São Paulo: nVersos, 2015. p. 29-50.

D'AMORIM, Maria Alice. Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 3, p. 121-134, dez. 1997. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1997000300010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 27 maio 2022.

DEWEY, Melvil. **Dewey decimal classification and relative index**. 23. ed. Dublin, Ohio: OCLC Online Computer Library Center, Inc, 2011.

ESCALANTE, Isadora; MALLMANN, Patrícia; COUTINHO, Luciano. O impacto do estereótipo de gênero sobre a mulher bibliotecária do século XXI no Brasil. **REBECIN**, São Paulo, v. 8, edição especial, p. 01-12. 2021. DOI: 10.24208/rebecin.v8i.243. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/165361>. Acesso em: 23 maio 2022.

ESCRITÓRIO DO ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS DIREITOS HUMANOS (ACNUDH). **Gender Stereotyping**. 2022a. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/women/gender-stereotyping>. Acesso em: 20 jun. 2022.

ESCRITÓRIO DO ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS DIREITOS HUMANOS (ACNUDH). 2022b. Disponível em: <https://acnudh.org/pt-br/o-escritorio/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

FARIAS MONTEIRO, Kimberly; GRUBBA, Leilane Serratine. A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de sufragettes às sufragistas. **Direito e Desenvolvimento**, v. 8, n. 2, p. 261-278, 7 dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoeddesenvolvimento/article/view/563>. Acesso em: 25 abr. 2022.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, v. 15, n. 2, p. 189-201, 2003. DOI:10.1590/S0103-37862003000200007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/115486>. Acesso em: 23 maio 2022.

FERREIRA, Maria Mary. Bibliotecários e relações de gênero no Brasil e Portugal. **Convergência em Ciência da Informação**, v. 2, n. 3, n. 3, p. 298-322, 2019. DOI: 10.33467/conci.v2i3.13713. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/171270>. Acesso em: 25 maio 2022.

FREITAS, Lídia Silva de; MORAES, Rosana Portugal Tavares de. Melvil Dewey – entre o dito e o não dito: sujeito e historicidade do campo informacional. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 213-225, nov. 2018. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4309>. Acesso em: 3 set. 2021.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Declaração de Lyon sobre o acesso à informação e desenvolvimento**. IFLA, 2014. Disponível em: <https://www.lyondeclaration.org/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

HJØRLAND, Birger. What is knowledge organization (KO)? **Knowledge Organization**, 35(3), 86-101, 2008. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/277803483\\_What\\_is\\_Knowledge\\_Organization\\_KO](https://www.researchgate.net/publication/277803483_What_is_Knowledge_Organization_KO). Acesso em: 5 maio de 2022.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. PINHO, Fabio Assis. Desafios da representação do Conhecimento: abordagem ética. **Informação & Informação**, Londrina, v. 12, n. 1, jan./dez. 2007. DOI: 10.5433/1981-8920.2007v12n1p19. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/33397>. Acesso em: 9 set. 2021.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução de Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Apicuri, 2016.

KAPLAN, Elizabeth Ann. **A mulher e o cinema: os dois lados da câmera**. Tradução de Helen Marcia Potter Pessoa. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

LANGRIDGE, Derek. **Classificação: abordagem para estudantes de biblioteconomia**. Tradução de Rosali P. Fernandes. Rio de Janeiro: Interciência, 1997.

LIMA, Gercina Ângela Borém de Oliveira; MACULAN, Benildes Coura Moreira dos Santos. Estudo comparativo das estruturas semânticas em diferentes sistemas de organização do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 46, n. 1, 2017. DOI: 10.18225/ci.inf.v46i1.4014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/20824>. Acesso em: 6 maio 2022.

MACHADO, Sandra de Souza. ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E PAPÉIS MODELO: #Mais Mulheres Maravilha nos Cinemas. **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 6, p. 354-386, 1 out. 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4161>. Acesso em: 4 abr. 2022.

MILANI, Suellen Oliveira; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Problemas relacionados a vieses em sistemas de organização do conhecimento: perspectivas para a representação de assunto. **IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia**, v. 3, n. Especial, p. 72-92, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/90916>. Acesso em: 5 maio 2022.

NEVES, Tatiely Mayara de Oliveira. A mulher e a comunicação científica: uma questão muito além do gênero. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 8 No. 2, n. 2, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/136739>. Acesso em: 23 maio 2022.

OLIVEIRA, Catarina Sales; BOAS, Susana Villas; HERAS, Soledad Las. Estereótipos de gênero e sexismo em docentes do ensino superior. **Rev. iberoam. educ. super**, Cidade do México, v. 7, n. 19, p. 22-41, maio 2016. Disponível em: [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2007-28722016000200022&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-28722016000200022&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 8 jun. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 20 jun. 2022.

PIEDADE, Maria Antonieta Requião. **Introdução à teoria da classificação**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

PISCITELLI, Adriana. Gênero a história de um conceito. *In*: ALMEIDA, Heloisa Buarque; SZWAKO, José Eduardo (org). **Diferenças, igualdades**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. p. 116-149.

RITA Hayworth: Gilda (1946). **Style on the screen**, 2014. Disponível em: <https://styleonthescreendotcom.wordpress.com/2014/06/04/rita-hayworth-gilda-1946-2/>. Acesso em: 29 jun. 2022.

REPORT MÃES REAIS. **Mães reais**: um retrato da maternidade no Brasil. [s. l.]: Meia cinco dez (65/10) Consultoria, 2020. Ilustração. Disponível em: <https://maesreais.meiacincodez.com.br/>. Acesso em: 14 jun. 2022.

RIBEIRO, Ana Rosa Pais; DECOURT, Beatriz; ALMEIDA, Tatiana de. A representação do domínio "gênero" no âmbito das linguagens documentárias: um mapeamento conceitual em instrumentos terminológicos. **Informação e Informação**, [s. l.], v. 22, n. 2, p. 208-234, out. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2017v22n2p208>. ISSN 1981-8920. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31449>. Acesso em: 25 maio 2022.

ROMEIRO, Nathália Lima; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. A educação continuada e o protagonismo da mulher na biblioteconomia: relato de experiência da oficina "mulheres na ciência da informação e biblioteconomia". **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, p. 112-130, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/127516>. Acesso em: 23 maio 2022.

SALA, Fabiana; ARAÚJO, Leda Maria; COSTA, Sirlaine Galhardo Gomes; CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de. Agenda internacional de desenvolvimento sustentável: qual o papel das bibliotecas?. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 325-339, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/143484>. Acesso em: 1 jun. 2022.

SALES, Rodrigo; CAFÉ, Lúcia. Diferenças entre tesouros e ontologias. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 99-116, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/35503>. Acesso em: 19 maio 2022.

SIMÕES, Maria da Graça; RODRÍGUEZ-BRAVO, Blanca; FERREIRA, Carla. Dos princípios da classificação decimal universal a uma prática harmonizada. **Imprensa da Universidade de Coimbra**. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018. Disponível em: <https://ucdigitalis.uc.pt/pombalina/item/55052>. DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1378-9>. Acesso em: 4 set. 2021.

SIMÕES, Maria da Graça; RODRÍGUEZ-BRAVO, Blanca; PESTANA, Olívia. Representação do conceito de mulher na Classificação Decimal Dewey (CDD) e na Classificação Decimal Universal (CDU): duas perspectivas sobre o mesmo conceito? **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p. 152-169, nov. 2018. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4340>. Acesso em: 4 set. 2021.

SUÁREZ, María Antonia Morán; RODRÍGUEZ-BRAVO, Blanca. La imagen de la mujer en la Clasificación Decimal Universal (CDU). **V Congreso ISKO – España**, Madrid, abr. 2001. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/28281655\\_La\\_imagen\\_de\\_la\\_mujer\\_en\\_la\\_Clasificacion\\_Decimal\\_Universal\\_CDU](https://www.researchgate.net/publication/28281655_La_imagen_de_la_mujer_en_la_Clasificacion_Decimal_Universal_CDU). Acesso em: 09 set. 2021.

UDC CONSORTIUM. **Classificação Decimal Universal**: 2ª edição-padrão internacional em língua portuguesa. Tradução de Odilon Pereira da Silva. Revisão de Fátima Ganim. Brasília: IBICT, 2007. 2 v.

UDC CONSORTIUM. **UDC summary**. 2022. Disponível em: <https://udcsummary.info/php/index.php?lang=pt&pr=Y>. Acesso em: 20 maio 2022.

VILELA, Cinara Littig; LEOPOLDO, Natiele Rodrigues; CHIERIGHINI, Cristiani. A função social da biblioteca especializada na área jurídica sob a visão do bibliotecário. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, n. Especial, [2018]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/106473>. Acesso em: 27 jun. 2022.

VILELA, Pedro Junqueira; GOTTSCHALG-DUQUE, Cláudio. Ontologias: um tipo único de sistema de organização do conhecimento. **Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102435>. Acesso em: 5 maio 2022.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A FORÇA DOS ESTEREÓTIPOS NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PROFISSIONAL DOS BIBLIOTECÁRIOS. **Informação & Sociedade: Estudos**, [S. l.], v. 17, n. 3, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/962>. Acesso em: 23 maio 2022.